

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE/OSÓRIO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

DJENIFER BOEIRA DE OLIVEIRA GUIMARÃES

**A DIVERSIDADE DE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E MÉTODOS DE
ENSINO NOS ANOS INICIAIS: EXISTEM MÉTODOS EFICAZES?**

**OSÓRIO
2022**

DJENIFER BOEIRA DE OLIVEIRA GUIMARÃES

**A DIVERSIDADE DE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E MÉTODOS DE
ENSINO NOS ANOS INICIAIS: EXISTEM MÉTODOS EFICAZES?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia na
Universidade Estadual do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Dolores
Schussler

OSÓRIO

2022

Catálogo de Publicação na Fonte

G963d	<p>Guimarães, Djenifer Boeira de Oliveira. A diversidade de métodos de alfabetização e métodos de Ensino nos anos iniciais: existem métodos eficazes? / Djenifer Boeira de Oliveira Guimarães. – Osório, 2022. 72 f.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dolores Schussler.</p> <p>Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura, Osório, 2022.</p> <p>1. Métodos de Alfabetização. 2. Metodologias de Ensino. 3. Docência. 4. Alfabetização. 5. Letramento. I. Schussler, Dolores. II. Título.</p>
-------	---

DJENIFER BOEIRA DE OLIVEIRA GUIMARÃES

**A DIVERSIDADE DE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E MÉTODOS DE
ENSINO NOS ANOS INICIAIS: EXISTEM MÉTODOS EFICAZES?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia na
Universidade Estadual do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em 28/05/2022

BANCA EXAMINADORA

Profª Ma. Dolores Schussler – UERGS -Litoral Norte
Orientadora

Profa. Dra. Sita Mara Lopes Sant'Anna – UERGS
Membro da Banca

Profa. Dra. Maria Cristina Schefer – UERGS
Membro da Banca

Dedico este trabalho aos meus pais, pilares da minha formação como ser humano. E ao meu esposo pelo apoio incondicional, em todos os momentos difíceis da minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre iluminar o meu caminho e meus conhecimentos, permitindo que eu chegasse até aqui.

A minha orientadora Prof.^a Me. Dolores Schussler, pela sua dedicação e sabedoria, que muito contribuíram para realização deste trabalho.

A todos meus professores e colegas de curso, pois juntos trilhamos uma importante etapa de nossas vidas.

A meus pais Priscila e Marcos por sempre investirem no meu sonho.

A meus irmãos Dayvid, Manuela e Isaac, por toda colaboração.

Ao meu marido Guilherme por toda dedicação e compreensão.

Em especial agradeço também as professoras Sita Mara e Maria Cristina pelo aceite em avaliar e contribuir com meu trabalho.

Sou muito grata a todos e todas.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a diversidade de métodos de alfabetização e metodologias de ensino, que estiveram e estão presentes no cenário educacional em vigor, esta pesquisa implica na reflexão e na prática do professor alfabetizador e no desenvolvimento da escrita e leitura dos alunos dessa etapa de escolarização. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, através de estudo de caso. Os procedimentos desta pesquisa partiram de um levantamento de autores que investigaram sobre a temática em questão. Utilizamos os que mais se aproximavam da intencionalidade proposta. Esta pesquisa foi realizada por meio de um questionário com quatro professoras alfabetizadoras de duas escolas situadas no município de Cidreira no estado do Rio Grande do Sul, com o intuito de problematizar quais métodos de alfabetização e de ensino são eficazes na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos na etapa da alfabetização. Objetivou-se para este estudo compreender a diversidade de métodos, suas modalidades e as concepções destas professoras alfabetizadoras sobre a apropriação de métodos adotados em suas experiências pedagógicas. O trabalho é apresentado através de referenciais divididos em eixos e subeixos, caracterizando cada diversidade de métodos oriundos desde os antigos (sintéticos) e novos (analíticos) que se articularam no campo educacional brasileiro, especificamente na alfabetização. De modo geral, baseando-se nos estudos realizados que os métodos de alfabetização foram sendo concebidos para entender quais destes o professor utiliza ao ensinar, quais os métodos de ensino que veem a ser a transposição didática destes e as metodologias em sala de aula. Constatamos, através das entrevistas realizadas com as professoras alfabetizadoras de que, para alfabetizar e letrar não são adotados métodos específicos e sim que são mesclados entre os antigos sintéticos e novos analíticos, predominado de certa maneira os sintéticos. Desta forma, as metodologias de ensino para as práticas alfabetizadoras que são decorrentes dessas dimensões e modalidades de métodos estão pautadas nos saberes inerentes aos docentes e de acordo com as turmas em que atuam. Conclui-se, portanto, que dentro da diversidade de métodos e metodologias não existem métodos eficazes para alfabetizar e letrar e, sim, práticas eficazes.

Palavras-chave: Métodos de Alfabetização; Metodologias de Ensino; Docência; Alfabetização; Letramento.

ABSTRACT

The present work deals with the diversity of literacy methods and teaching methodologies, which were and are present in the current educational scenario, this research implies the reflection and practice of the literacy teacher and the development of writing and reading of students at this stage of education. schooling. The methodology used is qualitative in nature, through a case study. The procedures of this research started from a survey of authors who investigated the subject in question. We used those that were closest to the proposed intention. This research was carried out through a questionnaire with four literacy teachers from two schools located in the municipality of Cidreira in the state of Rio Grande do Sul, with the aim of questioning which literacy and teaching methods are effective in the learning and development of students in the literacy stage. The objective of this study was to understand the diversity of methods, their modalities and the conceptions of these literacy teachers about the appropriation of methods adopted in their pedagogical experiences. The work is presented through references divided into axes and sub-axes, characterizing each diversity of methods from the old (synthetic) and new (analytical) that were articulated in the Brazilian educational field, specifically in literacy. In general, based on the studies carried out, the literacy methods were designed to understand which of these the teacher uses when teaching, which teaching methods are the didactic transposition of these and the methodologies in the classroom. Through interviews carried out with literacy teachers, we found that specific methods are not adopted to teach literacy and literacy, but rather that they are mixed between the old synthetics and the new analytical ones, in a certain way the synthetic ones predominate. In this way, the teaching methodologies for the literacy practices that result from these dimensions and modalities of methods are based on the knowledge inherent to the teachers and according to the classes in which they work. It is concluded, therefore, that within the diversity of methods and methodologies there are no effective methods for literacy and literacy, but effective practices.

Key words: Literacy Methods; Teaching Methodologies; teaching; Literacy; literacy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 APRESENTANDO O CONTEXTO	09
1.2 A FORMA DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	11
2 ENTREMEANDO CONCEITOS DA DIVERSIDADE DE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E MÉTODOS DE ENSINO	13
2.1 ALGUMAS ÊNFASES DE CONCEITOS INICIAIS	13
2.2 OS DIFERENTES MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NAS SUAS MODALIDADES, CORRESPONDÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE SI.	18
2.2.1 Sobre os métodos sintéticos.....	18
2.2.2 Sobre os métodos sintéticos alfabético	20
2.2.3 Modalidade do método sintético fônico	21
2.2.4 Modalidade do método sintético silábico.....	24
2.3 A MODALIDADE DOS MÉTODOS ANALÍTICOS	27
2.3.1 Modalidade do método analítico – a palavração	29
2.3.2 Modalidade do método analítico- a sentencição	30
2.3.3 Modalidade do método analítico Global – dos contos	31
2.4 MÉTODOS DE ENSINO: AS ABORDAGENS DO PROCESSO NAS DIDÁTICAS-PEDAGÓGICAS	33
2.4.1 Abordagem tradicional	35
2.4.2- Abordagem construtivista – a tese da desmetodização na alfabetização	37
3 METODOLOGIA -CAMINHOS INVESTIGATIVOS E PROCEDIMENTOS 44	
3. 1 - OS CAMINHOS METODOLÓGICOS	44
3.2 DELINEANDO ESTRATÉGIAS DE COLETA DOS DADOS- A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	45
3.3 CONTEXTOS DA PESQUISA- AS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES	47
3.4 PROFESSORAS PARTICIPANTES	47
4 EXERCÍCIO ANALÍTICO – DISCUSSÕES DOS DADOS.....	49
5 CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÕES.....	64
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTANDO O CONTEXTO

A fase da alfabetização é designada aos Anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) como o início da segunda etapa da Educação Básica (EB), com ingresso das crianças aos seis anos no 1º ano que se constitui um período de um ciclo que poderá ser concluído aos oito anos (3º ano) de acordo com o Plano Nacional de Educação (2014-2024), conforme está escrito na meta 5: “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do terceiro ano do ensino fundamental” (BRASIL, 2014¹). Contudo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever².

Deste modo, o processo de alfabetização pode ser desafiador tanto para as crianças, quanto para os professores alfabetizadores, pois cabe a eles a incumbência de alfabetizar e letrar em suas ações didático-pedagógicas. Diante desses desafios, a diversidade de métodos e metodologias apropriados pelos professores têm sido permeados por controvérsias, polêmicas quanto à sua eficácia ou não, buscando atribuir qual método é mais eficaz para que as crianças nesta fase escolar sejam de fato alfabetizadas e letradas. “Identificar qual das várias formas de alfabetização é a mais eficaz não é algo recente; ao contrário, remete a uma discussão antiga e constitui uma das maiores disputas no campo da pedagogia e da educação [...]” (SEBRA E DIAS, 2011, p. 422).

Identificar e refletir sobre os diferentes métodos de alfabetização entre antigas e novas concepções no campo educacional vêm à tona através dos discursos sobre cada um deles, suas evidências e características. Todavia suas relevâncias ainda são um tema atual diante de decisões de procedimentos variados que determinam um caminho de como fazer escolhas, em função do conteúdo que se quer ensinar e em função do que o aluno precisa

¹ Lei nº 13.005/2014

² <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47191>

aprender e como ele aprende, como constrói e desenvolve a aprendizagem. Soares (2016) enfatiza que “ainda se deve discutir sobre métodos, pois sempre surgem novas pesquisas, novas reflexões. Para a autora “[...] pode-se afirmar que a questão dos métodos de alfabetização em um e outro dos dois sentidos da palavra questão [...] é histórica, não é uma ocorrência atual”.

Durante a trajetória acadêmica no curso tanto os conhecimentos de fundamentos filosóficos, sociológicos, psicológicas e pedagógicos, bem como as metodologias de ensino, teorias que foram fundamentais para construção de saberes que envolveram conhecimentos de homem, de visão de mundo, de sociedade, de cultura, de educação, de escola, abordagens que permeiam aprendizados de saberes e fazeres docentes.

Dentre os fazeres, os estágios supervisionados foram experiências de extrema importância, especificamente no Estágio II: Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quando vivenciei práticas numa turma 3º ano, de uma escola municipal de Cidreira, de forma remota, e percebi que a turma encontrava diversas dificuldades de aprendizagem uma vez que seu primeiro e segundo ano ocorreram de forma remota, em virtude da Pandemia do Covid-19, o que ocasionou que muitas delas não conseguissem acompanhar as atividades propostas, por diversos motivos e razões.

Contudo, os poucos caminhos percorridos de experiências práticas de fazeres da docência vivenciadas, considero ser relevante compreender, pesquisar, aprofundar conhecimentos, numa etapa tão importante para as crianças, que é a da alfabetização, a construção da aprendizagem da leitura e da escrita, que depende do processo de ensino propiciado pelo professor alfabetizador e, perceber como as crianças aprendem em suas peculiaridades e especificidades. Acredito que também, aprofundar métodos de alfabetização e metodologias de ensino, estratégias didático-pedagógicas na transposição didática, são significativos, porque poderão influenciar tanto a mim com intenções de atuar como professora alfabetizadora, quanto ampliar saberes e fazer docentes a outros nas suas ações alfabetizadoras.

Diante do que foi apresentado, surge a questão norteadora: Quais métodos de alfabetização e de ensino são eficazes na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos na etapa da alfabetização? Apresentando-se como objetivo geral: Compreender a diversidade de métodos de alfabetização e de ensino nas suas especificidades e modalidades, e, analisar as concepções de professores alfabetizadores sobre a apropriação

de métodos adotados em suas experiências pedagógicas alfabetizadoras. Na especificidade de objetivos buscou-se: Identificar a diversidade de métodos de alfabetização no educacional em suas modalidades; compreender métodos de ensino pautados na didática como técnica de ensino de acordo com as tendências pedagógicas; analisar métodos de alfabetização e de ensino que atualmente permeiam as práticas pedagógicas de professores alfabetizadores em suas experiências pedagógicas.

Para tais intenções, a metodologia caracterizou-se de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. A metodologia é de abordagem qualitativa nas concepções de DESLANDES (1994): exploratória e descritiva de acordo com GIL (2008). O método foi considerado como estudo de caso em conformidade com os conceitos de LUDKE E ANDRÉ (2007) e YIN (2001). Delineando estratégias de coleta dos dados, a trajetória da pesquisa foi baseada num questionário em conformidade com GIL (2008), e CHAER (et.al) (2011) e com três professoras alfabetizadoras de uma escola de Ensino Fundamental e uma professora de outra escola de Ensino fundamental. Ambas as escolas são da rede pública de ensino situadas no município de Cidreira, estado do Rio Grande do Sul.

1.2 A FORMA DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Na parte do referencial teórico, como o que aparece no eixo 2 (dois) que trata sobre a busca dos conceitos da diversidade de métodos de alfabetização e das subdivisões em subeixos/seções para compreensão das suas especificidades, introduzindo algumas concepções sobre as questões dos métodos em suas divergências. Nessas discussões, os suportes dos autores foram fundamentais tais como: MORTATI (2006, 2009, 2010) SOARES (2016, 2020) BARBOZA (2016) KLEIMAN (2005), GONÇALES e DE JESUS (2015) FRADE (2007).

Seguida desta seção apresentamos sobre os diferentes métodos de alfabetização nas suas modalidades, correspondências e divergências entre si, com referências nos subeixos (método sintético) e suas características e tipos em suas especificidades que o compõem em subeixos. Também contribuíram para essas reflexões os autores: MOLL,

(1996) BARBOZA (2016), MORTATTI, (2004, 2006,2009, 2016), GALVÃO e LEAL (2005) FRADE (2007) GONÇALES e DE JESUS (2015), SOARES (2009, 2020).

Na sequência, buscou-se delimitar os métodos de alfabetização na modalidade analítica que também trazem reflexões em seus conceitos determinados e seus tipos correspondentes, fazendo uso de autores como: FRADE (2007), MORTATTI, (2004, 2009) BARBOZA, (2016), GONÇALES e DE JESUS, (2015), SOARES, (2020), SEBRA E DIAS (2011), RANGEL (2006).

Dando continuidade abre-se um eixo sobre metodologias de ensino (abordagens didáticas e pedagógicas) entremeando as abordagens tradicionais e construtivistas nas perspectivas de: SOARES, (2020) MIZUKAMI, (1986), RANGEL (2005), GONÇALES E DE JESUS (2015), MOLL (1996): GÓES E PIRES (2015) FERREIRO e TEBEROSKY (1999) GALVÃO e LEAL (2005) MORTATTI (2006).

Posteriormente segue-se a metodologia, que ocorreu através do procedimento da coleta dos dados, o qual houve a identificação das professoras participantes desta pesquisa. Como parte do exercício analítico, dando ênfase às concepções de professoras alfabetizadoras acerca dos métodos de alfabetização e de ensino, retoma-se o objetivo deste trabalho e a questão norteadora da problematização da pesquisa. Neste contexto, foram divididos em eixos temáticos que se caracterizam de acordo com as perguntas do questionário e as respostas obtidas pelas participantes.

Assim, discorreremos nas considerações finais enfatizando os achados da diversidade de métodos de alfabetização e no âmbito pedagógico as metodologias de ensino. Desta forma, este estudo inicia no segundo capítulo o diálogo com a temática em questão.

2 ENTREMEANDO CONCEITOS DA DIVERSIDADE DE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E MÉTODOS DE ENSINO

2.1 ALGUMAS ÊNFASES DE CONCEITOS INICIAIS³

Inicialmente para compreender sobre métodos, nas suas concepções gerais, consideramos a etimologia do termo ou palavra e a sua origem. Método define-se de acordo com Mary Rangel (2005) que em sua obra discute métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas, assim caracteriza: “A origem da palavra “método” justifica-se pela existência de um caminho, de um meio, para se chegar a um ou vários objetivos”. Segundo a autora referida: “A etimologia da palavra método encontra-se no latim *methodus*, que, por sua vez, se origina do grego *meta*, que significa meta, objetivo, e *thodos* que significa o caminho, o percurso, o trajeto, os meios para alcançá-lo” (RANGEL, 2005, p. 09).

Não há dúvidas que a etapa da alfabetização é uma das fases mais importantes para os alunos ingressos neste período para dar sequências posteriores aos seus aprendizados escolares e que refletirão ao longo das suas vidas. A eficácia ou não acerca dos métodos vem sendo desafiadores diante da diversidade de métodos para alfabetização entre antigos e novos que foram surgindo entre suas vantagens e desvantagens, polêmicas e controvérsias, gerando disputas de acordo com os movimentos que se faziam em torno deles basicamente referindo-se ao cenário brasileiro. Maria do Rosário Longo Mortatti (2009) considera que esses movimentos, ou seja, que essas discussões sobre “[...] a questão dos métodos de alfabetização” que ela denomina como [...] “querela dos métodos”, foram vivenciados em virtude de:

[...] diferentes momentos históricos, diferentes sujeitos movidos por diferentes urgências sociais e políticas, sempre alegando se basear nas mais “modernas verdades científicas”, passaram a apresentar versões de seu presente e de seu passado (recente), acusando de “antigos” e

³ Embora se conheça a magnitude da obra de Paulo Freire sobre alfabetização, esta pesquisa, por envolver temáticas que versam sobre métodos, não abrangerá o trabalho do referido autor. Em nosso entendimento, a obra de Freire é abrangente e reúne princípios e pressupostos que são basilares aos processos educativos, especialmente aos promovidos pelas escolas públicas.

“tradicionalis” os métodos então utilizados e propondo em sua substituição “novos” e “revolucionários” métodos (de alfabetização). (MORTATTI, 2009, p. 94).

Com base em pesquisas produzidas por brasileiros, a autora nos apresenta resumidamente quatro movimentos históricos, sendo que “[...] cada um cada um deles marcando um “novo” sentido atribuído à alfabetização, como resultado da “querela dos métodos”. Destaca-se que:

1º. Momento (1876 a 1890) — disputa entre defensores do então “novo” método da palavração e os dos “antigos” métodos sintéticos (alfabético, fônico, silábico); 2º. Momento (1890 a meados da década de 1920) — disputa entre defensores do então “novo” método analítico e os dos “antigos” métodos sintéticos; 3º. Momento (meados dos anos de 1920 a final da década de 1970) — disputas entre defensores dos “antigos” métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos) e os dos então “novos” testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, de que decorre a introdução dos “novos” métodos mistos 4º. Momento (meados da década de 1980 a 1994) — disputas entre os defensores da então “nova” perspectiva construtivista e os dos “antigos” testes de maturidade e dos “antigos” métodos de alfabetização (MORTATTI, 2009, p. 95-96).

Referindo-se ainda nestes contextos de movimentos e disputas, considerava-se que cada método foi marcado entre os que seriam mais eficazes para àqueles momentos vivenciados por quê:

[...] no âmbito [...] da história da alfabetização no Brasil, passou-se a questionar, sistemática e oficialmente, o ensino e a aprendizagem iniciais da leitura e escrita, já que nessa etapa de escolarização se concentra(va) a maioria da população brasileira pobre, que fracassa(va) na escola pública e em relação à qual se deveriam focalizar ações públicas. (MORTATTI, 2010, p. 331).

Sobre esta discussão da questão dos métodos, Magda Soares, professora e pesquisadora especialista entre teoria e práticas de alfabetização, nos diz que em sua diversidade de obras, sobretudo aliando teoria às práticas de metodologias no processo de alfabetizar, numa perspectiva histórica podemos citar que:

Esteve presente, em nosso país, ao longo da história dos métodos, pelo menos desde as décadas finais do século XIX, momento que começa a consolidar-se um sistema público de ensino, trazendo a necessidade de implementação de um processo de escolarização que propiciasse às crianças o domínio da leitura e da escrita (SOARES, 2016, p. 16).

Diante das problemáticas de aprendizagem, as mudanças que seriam necessárias efetivavam-se por variadas teorias. Nesse pensamento, Reginaldo José Barboza em um artigo sobre a alfabetização sob o ponto de vista teórico e metodológico, salienta:

No Brasil, a história da alfabetização está atrelada aos métodos de ensino, principalmente desde o final do século XIX, e isso indubitavelmente tem gerado várias teorias para um mesmo problema: a dificuldade das crianças em aprender a ler e a escrever, principalmente em escolas públicas (BARBOZA, 2016, p. 18).

Neste processo, “a história da alfabetização no Brasil, o propulsor das periódicas mudanças de paradigmas e de métodos tem sido o persistente fracasso da escola em levar as crianças ao domínio da escrita”. (SOARES, 2016, p. 23). Assim, como então o fracasso escolar vinha persistindo a partir dos métodos que estavam sendo utilizados, novos foram surgindo “a cada momento um novo método era tentado” (SOARES, 2016).

Quando surge a alfabetização na perspectiva do letramento, concepções essas, que foram debates efetivadas no Brasil, desde a década de 1980, no que se refere ao termo letramento e introduzido no âmbito escolar no Brasil mais precisamente na década 1990, e de que neste âmbito necessitava-se pensar em alfabetizar e adentrar na cultura letrada, ainda se iniciava uma disputa por métodos de alfabetização, que segundo Mortatti (2006, p. 02):

[...] essas disputas em torno dos métodos de alfabetização vêm engendrando uma multiplicidade de tematizações, normatizações e concretizações, caracterizando-se como um importante aspecto dentre os muitos outros envolvidos no complexo movimento histórico de constituição da alfabetização como prática escolar [...]

Constitui-se em um entendimento que o termo letramento é indissociável à alfabetização, quando se percebe que “não existe um ‘método de letramento’” (KLEIMAN (2005), “[...] o letramento envolve participar das práticas sociais em que se usa a escrita”. O letramento também significa compreender o sentido, em uma determinada situação, de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito” (KLEIMAN⁴, 2005, p. 10).

Diante deste contexto, ocorreram mudanças teórico-metodológicas no campo da alfabetização, pois há uma intensa movimentação acerca do construtivismo nas escolas em meados de 1990, que envolve a questão de entender como a criança constrói, representa sua escrita pelo pensamento psicogenético, de acordo com seus níveis de evolução de hipóteses, avançando até a escrita alfabética, para que ela intérprete e produza textos, e automaticamente tenha a fluência da leitura. Então, a princípio o construtivismo foi por muitos considerado como um novo método, mas de que “[...] seria não um novo método, mas uma nova concepção do processo de aprendizagem da língua escrita [...]” (SOARES, 2016). Em outro texto, a autora referida menciona:

Não é necessário retomar aqui a mudança que representou, para a área da alfabetização, a perspectiva psicogenética: alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita – concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados “tradicionais” [...] (SOARES, 2013, p. 18).

Neste processo, as práticas pedagógicas foram também questionadas e ainda pode-se dizer que são em relação aos métodos de alfabetização e metodologias de ensino, especificamente, quando se propõe a abordagem na perspectiva construtivista. “[...] na história da alfabetização do Brasil há momentos marcantes em relação aos métodos de ensino inicial da leitura e da escrita, e ao contrário de aplicação de “métodos” temos a teoria da aprendizagem construtivista para a alfabetização desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1985) (Apud, BARBOZA, 2016, p. 18).

⁴ Embora saiba-se que há uma multiplicidade de estudos sobre letramentos e Multiletramentos em outras etapas da Educação Básica e inclusive, no Ensino Superior, neste trabalho salienta-se o termo vinculado à alfabetização.

Nestas perspectivas, as autoras Eliane Cristina Gonçalves e Joelma de Jesus em uma monografia sobre alfabetização: métodos, metodologias e didáticas, destacam que o “[...] atual período é o da “reinvenção da alfabetização” e discute a necessidade da organização do trabalho docente e a sistematização do ensino para alfabetizar letrando” (GONÇALES e DE JESUS, 2015). Todavia sabe-se que “as práticas de alfabetização não começaram nos séculos XX e XXI, estão em constante transformação desde que se necessitou ensinar alguém a ler e escrever” (FRADE, 2005, p. 9). Entretanto transformaram-se as discussões em torno da alfabetização dentro de várias áreas específicas:

No final do último século, entretanto, a transformação das discussões foi muito grande e acompanhou o desenvolvimento de um vasto campo de conhecimento composto de diversas áreas específicas, tais como, a Linguística, a Psicologia, a Psicolinguística, a Sociolinguística e, sobretudo, a Pedagogia, área de conhecimento que precisa dar respostas bem concretas aos professores sobre como organizar o ensino/aprendizagem de determinados conteúdos (FRADE, 2005, p.9).

Algumas teorias de abordagens pedagógicas foram adentrando no sistema educacional compreendendo que esses processos não são realizados separados em suas relações no ato de alfabetizar e letrar, mas de que:

As relações nas ações de alfabetizar e letrar, são simultâneos e indissociáveis, e entre os dois processos “são cognitivos e linguísticos [...] que evidenciam que são processos simultâneos [...] e, a alfabetização, sendo a “aquisição da tecnologia da escrita, não precede e nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, da leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2020, p. 27).

Assim, os métodos de alfabetização foram apropriados pelos professores alfabetizadores que têm influência na ação pedagógica na metodologia de ensino no que se referem a didática, as técnicas de ensino para construção da escrita e da leitura na fase inicial de escolarização das crianças, “[...] podem ser classificados em dois tipos básicos: sintéticos (da parte para o todo) e analíticos (do todo para a parte)” (MORTATTI, 2006).

Neste sentido nos próximos eixos e subeixos ou seções, discutem-se os diferentes métodos nas suas modalidades, iniciando com o método sintético e seus tipos, e da mesma forma o método analítico, buscando acrescer conceitos teóricos.

2.2 OS DIFERENTES MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NAS SUAS MODALIDADES, CORRESPONDÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE SI.

2.2.1 Sobre os métodos sintéticos

O método na modalidade sintética é o mais antigo dos métodos, a proposta seria que o aluno aprendesse inicialmente os nomes das letras, em ordem alfabética ou reconhecendo-as fora da ordem, a partir da soletração. Embora as letras representem os sons da fala como princípios básicos na alfabetização, de modo geral o iniciar da aprendizagem proposta na ação pedagógica estava baseada em apenas em uma educação de um aluno passivo, atribuído ao processo que geralmente reduz-se como sendo apenas “uma esfera mecânica, na qual alfabetizar-se está vinculado a habilidades de codificação [...] e decodificação” [...]. (MOLL, 1996, p.68). Para Mortatti (2000);

A aprendizagem da leitura e da escrita se baseava em uma questão mecânica, tratava-se de adquirir uma técnica para meramente decifrar o texto. O processo de aprendizagem da leitura era visto como uma associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos. Exemplo: O professor iniciava ensinando o traçado isolado de cada letra, e às vezes só partia dela, sem se preocupar com o significado da palavra como um todo ou do contexto desta em uma frase (Apud, BARBOZA, 2016, p. 18).

Em um movimento de compreensões, Mortatti (2006) define dois momentos de motorizações de método sintético: “O ensino da leitura e quanto à escrita”. A autora compreende que para o ensino da leitura, “[...] utilizavam-se, [...] métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): Em conformidade com a autora:

[...] Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus

sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas (MORTATTI, 2006, p. 05).

Por método sintético compreende-se que se parte na prática de ensino baseado nos conceitos tradicionais, isto é, o ensino das letras do sistema alfabético, separando vogais e consoantes, da parte para o todo, de elementos menores que a palavra, e a leitura seria mecânica (decodificação), estabelecendo correspondência entre a grafia, entre o oral e o escrito, através do aprendizado letra por letra, ou sílaba por sílaba e palavra por palavras. Estabelecendo correspondência entre o oral (memorização). “Quanto à escrita, está se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras” (MORTATTI, 2006, p. 05). As autoras Andréa Galvão e Telma Ferraz Leal sob o título: Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as), sobre métodos sintéticos, mencionam:

Os métodos sintéticos são os métodos que preveem o início da aprendizagem a partir dos elementos estruturalmente “mais simples”, isto é, letras, fonemas ou sílabas, que, através de sucessivas ligações, levam os aprendizes a ler palavras, frases e textos”. Ou seja, parte-se das unidades menores (letras, fonemas ou sílabas) para passar a analisar unidades maiores (palavras, frases, textos) (GALVÃO e LEAL, 2005, p. 18).

Se pensarmos em apenas ensinar partindo em uma abordagem sintética, podemos pensar como destacam as autoras Galvão e Leal (2005):

[...] as abordagens sintéticas parecem ignorar, definitivamente, o caráter significativo da escrita no seu processo de aquisição, o que provavelmente implica uma desmotivação para tal aprendizagem, além de não contribuir para auxiliar a criança a perceber a funcionalidade desse objeto para o cotidiano” (GALVÃO e LEAL, 2005, p. 20).

Os métodos sintéticos possuem três dimensões de alfabetização, sendo elas: a alfabética, a fonética e a silábica. Compreende-se, desta forma: “[...] o método alfabético que toma como unidade a letra; o método fônico que toma como unidade o fonema e o método silábico que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba” (FRADE, 2007, p. 22).

2.2.2 Sobre a modalidade do método sintético alfabético

Sobre o método sintético alfabético, também chamado de soletração, foi é considerado o que mais utilizou-se no século XX. Nesta perspectiva, considera-se a memorização, a decoreba. A autora Isabel Cristina Alves da Silva Frade, pesquisadora e professora com vários artigos e trabalhos publicados em relação a métodos, salienta de que para Araújo (1995):

[...] a decoração oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas sequências e numa sequência de todo o alfabeto e, finalmente, de letras isoladas. Em seguida a decoração de todos os casos possíveis de combinações silábicas, que eram memorizadas sem que se estabelecesse a relação entre o que era reconhecido graficamente e o que as letras representavam, ou seja, a fala [...] (Apud FRADE, 2007, p. 22- 23).

O professor alfabetizador que parte deste método como única abordagem pedagógica para que os alunos se apropriem da escrita consideram que primeiro deve-se decorar o sistema alfabético, para depois formar as palavras, as sílabas, as frases, os textos, ou seja, sempre as partes menores primeira e depois se formariam as palavras e as sílabas. Para Gonçalves e De Jesus (2015):

O método alfabético consistia em apresentar partes mínimas da escrita, as letras do alfabeto, que, ao se juntarem umas às outras, formavam as sílabas ou partes que dariam origem às palavras. Os aprendizes, primeiro, deveriam decorar o alfabeto, letra por letra, para encontrar as partes que formariam a sílaba ou outro segmento da palavra; somente depois viriam a entender que esses elementos poderiam se transformar numa palavra (GONÇALES e DE JESUS, 2015, p. 40).

Em vista disso, o método sintético alfabético é também conhecido como soletração, e funciona através de estratégias de soletração que ajudariam o aluno a associar o nome da letra à sua representação visual e ao som que ela adquire na palavra.

2.2.3 Modalidade do método sintético fônico

No método sintético que corresponde a dimensão fonética que parte da relação direta entre o fonema e o grafema. Começa sempre dos sons mais simples para os mais complexos, das vogais para as consoantes. Por fim, formam-se as sílabas e as palavras. Há várias maneiras de apresentar os fonemas, partindo de palavras significativas para os alunos ou relacionando uma palavra a uma imagem e a um som. Há exemplos na clássica Cartilha Nacional, do século XIX. Segundo Frade (2007);

Começa-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre elas relações cada vez mais complexas. Cada letra (grafema) é aprendida como um fonema (som) que junto a outro fonema, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada, segundo a escolha de sons mais fáceis para os mais complexos. Na organização do ensino, a ênfase na relação som/letra é o principal objetivo. (FRADE, 2007, P. 23).

Assim, ao aproximar fonemas e grafemas, o método estabelece relação direta entre a escrita e a fala, outra característica básica de sistemas alfabéticos, abrindo caminho para a codificação e a decodificação dos textos. Existem alguns riscos nessa prática de alfabetização, pois na nossa língua, as relações entre letras e sons variam muito. Uma mesma letra pode representar diferentes sons e vice-versa.

Todavia, sendo o enfoque a análise fonológica, que promove a consciência fonológica e os processos de codificação (escrever) e decodificação (ler) de fonemas em grafemas, (que tem sua vital importância), atualmente a abordagem fônica poderá não dar conta sozinha do que se propõe sob o viés da alfabetização e letramento. Em suas limitações, desconsidera os usos e as funções sociais, e em alguns momentos ou caso a escrita não representa os sons da fala, e, ainda terá dificuldades de interpretar e produzir textos. Soares (2020) em uma conferência cita um exemplo: “a criança estava lendo e no

final da leitura a professora pergunta: O que você leu”? E ela responde: “Não sei, eu estava lendo”. Assim, para Frade (2007):

Para atenuar a falta de sentido e aproximar os alunos de algum significado é que foram criadas variações do método fônico e o que difere uma modalidade da outra é a maneira de apresentar os sons: seja a partir de uma palavra significativa, de uma palavra vinculada à imagem e som, de um personagem associado a um fonema, de uma onomatopeia ou de uma história para dar sentido à apresentação dos fonemas.

Como afirmado por Mortatti(2009) “o método fônico é um método de alfabetização caracterizado por marcha sintética conhecido no Brasil desde pelo menos o século XIX [...]”, o qual sendo muito criticado pelos defensores do método analítico desde (1890 a meados da década de 1920) em virtude do surgimento da modalidade analítica., o que a autora considerou como: “[...] o 2º. momento crucial na história da alfabetização no Brasil, os métodos sintéticos foram veementemente criticados e combatidos por aqueles que propuseram e defenderam os métodos de marcha analítica” (MORTATTI, 2009, p. 103)

Entretanto, no atual cenário educacional brasileiro, embora a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018) não designe um método a ser seguido, ela dá indícios do método fônico no processo da alfabetização e, nesta direção a Política Nacional da Alfabetização (PNA) programa implementado em 2019 pelo MEC, deixa muito explícita o propósito de implantar uma metodologia de alfabetização, com foco no método fônico. Cabe ressaltar que o método fônico baseia-se em analisar as palavras da linguagem oral pelos sons de acordo com as unidades sonoras, o código oral, isso ocorre somente para crianças ouvintes, não levando em consideração as crianças não ouvintes.

Desta forma, o método fônico para o ensino dito como recomendado pelo atual Ministério da Educação (MEC) acontece para todas as escolas do país. Em uma entrevista concedida a Nova Escola em 2019⁵, Magda Soares enfatiza a ideia, o qual compartilhamos de que “o método é autonomia do professor, de acordo com as

5 <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/magda-soares-alfabetizacao-saeb/>

particularidades de seu alunado”. Destaca-se ainda “em primeiro lugar é necessário lembrar ao MEC que a escolha de método de alfabetização, como também de métodos para qualquer conteúdo de ensino, é direito assegurado por lei aos professores e às escolas” [...]e ainda se salienta:

Para a criança, a complexa aprendizagem da língua escrita deve acompanhar seu desenvolvimento cognitivo, linguístico. A criança ainda precisa aprender que é possível segmentar os sons da palavra – primeiro em sílabas, depois identificar nas sílabas os fonemas; precisa aprender a representar segmentos dos sons das palavras por signos arbitrários, as letras, que ela precisa aprender a grafar. É surpreendente que ainda se acredite que a alfabetização se realiza com um único método e que se alegue que o método fônico é o único que se fundamenta em “evidências científicas”. Insiste-se em método – em como ensinar – quando o necessário é focar a aprendizagem – como a criança aprende. Os fonemas são como mostram as “evidências científicas” da Fonologia, sons mínimos abstratos, não perceptíveis isoladamente, não pronunciáveis, que a criança só pode identificar por oposição (SOARES, 2009).

Sabe-se da importância no processo de alfabetização e letramento da necessidade em trabalhar a consciência fonológica, mas a partir de textos, pois “[...] A criança aprende a escrita buscando sentido, em eventos de interação, com material escrito, nos textos” (SOARES, 2020, P.34). Para a autora:

Seria artificial (impossível!) pretender levar a criança adquirir a fala ensinando-a pronunciar fonemas e reuni-los em sílabas, estas em palavras, para enfim chegar aos textos que a habilitassem a interagir com o convívio social, também se torna artificial levar a criança a aprender a leitura e a escrita desligadas de seu uso, ensinando-a a reconhecer e traçar letras, relacioná-las a valor sonoro, junta-las com as sílabas, essas em palavras, para enfim ler e escrever textos, tornando-se capaz de inserir-se no mundo da escrita (SOARES, 2020, p. 34).

No sentido de caracterizar este método “[...] a partir de gêneros textuais, textos lidos, a criança percebe que “A consciência fonológica associa-se à aprendizagem das letras” (SOARES, 2020, p. 78). Assim, para a autora:

O conceito que a criança ainda não alfabetizada inicialmente sobre a escrita é o de “marcas” em diferentes suportes. As crianças tentam imitar essas marcas inicialmente em rabiscos [...] e finalmente com letras. Mesmo quando a criança *ouve* a leitura em voz alta de um texto, de uma história, ainda que ela *veja* o que está sendo lido são sequências de letras, ela presta atenção no *significado* das palavras, não na cadeia sonora que corresponde a esse significado. Assim, para se apropriar da escrita alfabética, as crianças precisam aprender que aquilo que *veem escrito* representa o que elas *ouvem* [...] que as *palavras* que escrevem devem ser a representação dos *sons das palavras* que escrevem. Essa capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala é o que se denomina consciência fonológica: [...] (SOARES, 2020, p.77).

Deste modo, no método fônico as crianças precisam compreender que as letras tem sons, que é a consciência fonológica, mas sempre a partir de textos e, a partir de gêneros textuais, textos lidos, a criança percebe que “A consciência fonológica se associa à aprendizagem das letras. Inicialmente a criança aprende que a palavra é uma cadeia sonora representada por uma cadeia de letras [...] que é a consciência lexical [...] (SOARES,2020) que diz respeito à habilidade para segmentar a linguagem oral em palavras. Para tanto na prática pedagógica é necessário pensar que não é um método, mas uma concepção de:

Centrar em quem e como aprende. O que ela já sabe, seus níveis de hipóteses de escrita. Como posso conduzir o processo de alfabetização de acordo com as possibilidades da criança ao longo do seu desenvolvimento. Pensar em como a criança aprende. O que é necessário e precisa aprender e que ritmo ela aprende. É uma concepção, não é um método. Não importa o método, mas a ação de saber como ela aprende, para orientá-la desenvolvimento da sua aprendizagem (linguístico, e cognitivo) (SOARES,2020).

2.2.4 Modalidade do método sintético silábico

Sobre o método silábico da modalidade sintética, apresenta-se primeiro as famílias silábicas formadas por consoantes e vogais até chegar as mais complexas, [...] Nele a

principal unidade a ser “analisada pelos alunos é a sílaba”. (FRADE, 2007, p. 24).

Menciona a referida autora:

Neste processo em seus funcionamentos e no desenvolvimento do método geralmente é escolhida uma ordem de apresentação, feita segundo princípios calcados na ideia “do mais fácil para o mais difícil”, ou seja, das sílabas “simples” para as “complexas”. Em várias cartilhas dos métodos silábicos geralmente são apresentadas palavras-chave, utilizadas apenas para apresentar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são recompostas para formar novas palavras e frases, apenas com as sílabas estudadas. (FRADE, 2007, p. 24).

Para Gonçalves e De Jesus (2015):

No desenvolvimento do método, geralmente é escolhida uma ordem de apresentação, feita segundo princípios calcados na ideia “do mais fácil para o mais difícil”, ou seja, das sílabas “simples” para as “complexas”. São apresentadas palavras-chave, utilizadas apenas para indicar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são recompostas para formar novas palavras. O método permite que se formem novas palavras apenas com as sílabas já apresentadas e formam-se, gradativamente, pequenas frases e textos, forjados para mostrar apenas as combinações entre sílabas já estudadas. (GONÇALES e DE JESUS, 2015, p. 43).

Neste método, a criança aprende as famílias de sílabas antes de compreender as palavras. A aprendizagem é feita através de um ensino mecânico na sua decifração. Nas compreensões de Frade (2007), nos silábicos:

Eram apresentados com sílabas em todas as combinações possíveis e a estratégia era cantá-las e memorizá-las. No espanhol, uma estratégia descrita por Braslavsky (1992) como técnica mnemotécnica era apresentar a primeira linha de sílabas na forma de uma frase com sentido, sendo que as demais linhas eram uma variação da combinação de vogais, mas sem sentido. Exemplo: se me de be le che , si mi di bi li che (FRADE, 2007, p. 23).

Ainda sobre esse método para Galvão e Leal (2005),

As abordagens baseadas nos métodos silábicos promovem o ensino, de modo que os alunos são levados a memorizar padrões silábicos (partindo dos mais simples, com estrutura consoante vogal) e, depois, a uni-los em palavras. Nesse sentido, os alunos só eram chamados a formar palavras que fossem compostas dos padrões silábicos trabalhados. A concepção básica é que a aprendizagem ocorre por memorização, bem como a alfabetização também assim ocorre (GALVÃO, LEAL, 2005, p. 19-20).

No seu funcionamento em geral, o processo seria iniciar pelas famílias silábicas e aos poucos o aluno entraria em contato com os textos. No entanto, se o foco for iniciar a alfabetização por este método é preciso que as palavras e sílabas tenham significado, para assim desenvolver a consciência silábica quando já ampliou a consciência fonológica, a partir de textos, de gêneros textuais, textos lidos, quando a criança já desenvolveu a consciência fonológica por meio de uma cadeia sonora, que é representada por letras, a criança possa “Em seguida, [...] torna-se capaz de segmentar a cadeia sonora em sílabas e representa as sílabas por conjunto de letras – consciência silábica [...] (SOARES, 2020, p. 78).

Assim sendo, é necessária a construção da consciência silábica a partir do gênero textual já explorado, quando perceberam de que as letras representam o som da fala, o que na prática implica mesmo assim compreender que ocorrem situações diferenciadas, conforme Soares (2020) nos mostra, em exemplos de que em algumas crianças: Percebe-se que as crianças escrevem já [...] silabicamente, uma letra para cada sílaba da palavra, mas não escolhem qualquer letra, escolhem aquela que corresponde ao som que mais se destaca na pronúncia da sílaba, esse som em geral é da vogal [...] (SOARES, 2020, p. 97) Enquanto em outras “Embora já escreveram usando as sílabas das palavras com valor sonoro [...] ainda [...] não conseguem ler o que escreveram sem o apoio das figuras, mas já [...] dizem o nome das letras (SOARES, 2020, p. 99) .

Após apresentar sobre as compreensões das dimensões sintéticas em suas características e modalidades, o próximo eixo busca entender a modalidade dos métodos analíticos.

2.3 A MODALIDADE DOS MÉTODOS ANALÍTICOS

No campo educacional brasileiro, entende-se que o método analítico surge na perspectiva de meados dos anos de 1920, ao final da década de 1970, contudo também sendo usados atualmente. São considerados como segundo grupo de métodos “[...] que partem “do todo para as partes” e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração [...] (FRADE 2007, p. 21). Cabe lembrar que Mortatti (2009) define como este período o 3º momento das disputas entre os métodos de alfabetização, sendo em oposição ao método sintético. Na prática este método:

[...] encaminha o aluno para a realização de uma análise do todo que pode ser uma frase ou uma palavra para chegar às partes mais simples como as sílabas e do conhecido para o desconhecido. Exemplo: A professora inicia o seu trabalho de alfabetização com os alunos começando por uma determinada frase (João trabalha em uma fábrica de doce) e a partir daí dividi-a em partes menores extraíndo as palavras (trabalha) e chegando as unidades mais simples como as sílabas (tra-ba-lha). (Apud, BARBOZA, 2016).

Os métodos analíticos acreditam-se que tenham surgido desde Comênio (1593-1670), que foi o fundador da Didática Moderna, quando “[...] diversos pressupostos podem ser verificados nas discussões sobre sua utilização, desde Comênio até a atualidade [...] propôs várias ideias revolucionárias sobre a importância do interesse dos alunos na aprendizagem. Era contra a memorização vazia e a favor da compreensão, e assim combateu o método da soletração em sua obra *Orbis Pictus* (GONÇALES e DE JESUS, 2015).

Os métodos analíticos que seriam o segundo grupo “[...] partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. Buscando atuar na compreensão, estes defenderam a inteireza do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil” [...] (FRADE, 2007, p. 26).

Assim, na percepção dos métodos analíticos, o processo é inverso dos sintéticos, parte-se das unidades maiores da língua para as unidades menores, origina-se as unidades de significados, subdividindo-se em: método da palavração, método de sentencição e método global. O método da palavração tem como unidade de análise a palavra e o

método de sentencição tem como unidade principal a sentença, e o método global que integra o conjunto dos métodos analíticos e traz o entendimento que as crianças, a partir e por meio de suas múltiplas linguagens, percebem os aspectos globais, e no processo posterior do ensino da escrita e leitura consegue desenvolver a aprendizagem. Nesse caso, depois de reconhecidas em sua forma global, conhecido também como das historietas, o professor alfabetizador começa a decompor as palavras e em seguida as sílabas. Desta forma os métodos analíticos:

[..] tomam como unidade de análise a palavra, a frase e o texto e supõem que se baseando no reconhecimento global como estratégia inicial, os aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo do método (global de contos, sentencição ou palavração) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba (FRADE, 2007, p.26).

Como estratégia de ensino, ” [...] é necessário, já nas fases iniciais do processo de conceitução da escrita, que muitas atividades se baseiem em palavras destacadas de textos- palavras de parlendas, cantigas, histórias, em atividades de leitura, escrita ou jogos lúdicos (lembre-se o texto como centro, sempre)” (SOARES, 2020, p. 79).

No modelo do método analítico, a leitura é também um ato global e audiovisual e gestual. Assim, começa-se a trabalhar a partir de unidades completas como dos gêneros textuais, (parlendas, poesias, poemas, histórias), para depois dividi-las em partes menores. Do gênero textual escolhido a frases, palavras, sílabas e letras, as quais constituem-se em ser significativos aos alunos. Para Mortatti (2004), de acordo com o método analítico:

[...] o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o “todo”: a palavra, ou a sentença, ou a "historieta” [...] (MORTATI, 2004, p. 07).

Nos conceitos sobre a modalidade do método analítico, Galvão e Leal (2005) consideram que “Os métodos analíticos são aqueles que propõem um ensino que parte

das unidades significativas da linguagem, isto é, palavras, frases ou pequenos textos, para depois conduzir análise das partes menores que as constituem (letras e sílabas)”.

Sendo assim, a modalidade do método analítico não se distancia e nem se dissocia do todo para as partes, que então divide-se em três e pode-se explorar: Palavração, sentenciarão e método global, que se encontra no eixo que segue em seus subeixos.

2.3.1 Modalidade do método analítico – a palavração

O método denominado “palavração” tem ênfase na palavra. “Uma palavra é apresentada e depois, decomposta em sílabas (GONÇALES e DE JESUS, 2015, p. 49). Neste método na alfabetização, uma palavra comum é apresentada ao aluno e a proposta é de que se forme um repertório de palavras para depois construir frases e textos. As palavras podem tanto ser compostas como decompostas e busca-se na prática explorá-las, fazendo com que os alunos reconheçam o som dessas palavras. Desta forma “No desenvolvimento de atividades, são utilizados cartões para fixação, com palavras de um lado e gravuras de outro, exercícios sinestésicos para o ensino do movimento de escrita de cada palavra, entre outros recursos e procedimentos (GONÇALVES e DE JESUS, 2015, p. 49). Para os defensores desse método, em conformidade com as autoras acima citadas:

As figuras podem acompanhar as palavras no início do processo e a repetição garante a memorização. Ao mesmo tempo em que são incentivadas estratégias de leitura inteligente, a atenção do aluno pode ser dirigida as componentes da palavra escrita ou falada, como letras, sílabas e sons. São duas estratégias reunidas para garantir o enfrentamento de textos novos (GONÇALES e DE JESUS, 2005, p. 49).

Neste processo em movimento de escrita, “método João de Deus” ou “método da palavração” baseava-se nos princípios da moderna linguística [...] e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras [...]” (MORTATTI, 2016, p.6).

Para as autoras: “Como principais desvantagens, aparecem às dificuldades em enfrentar palavras novas, quando os professores se limitam a simples visualização, sem incentivar a análise e o reconhecimento de partes da palavra” (GONÇALES e DE JESUS, 2015, p. 49-50).

2.3.2 Modalidade do método analítico- a sentencição

No grupo dos métodos analíticos, a sentencição, como o nome já diz, parte de um aprendizado que se inicia por frases inteiras, explorando a memorização. A proposta na prática é partir de uma unidade de significado mais completa que é a frase. O estudante deve reconhecer e compreender o sentido de uma sentença para só depois analisar as suas partes menores ou maiores. Segundo Gonçalves e De Jesus (2005);

Nesse método, a unidade é a sentença que, depois de reconhecida globalmente e compreendida, será decomposta em palavras e, finalmente, em sílabas. Outro procedimento descrito na história desse método é a estratégia de comparar palavras e isolar nelas elementos conhecidos, para ler e escrever palavras novas (GONÇALES E DE JESUS, 2015, p. 50).

Neste método “Outro procedimento descrito na história desse método (GILDA SOARES, 1986) “é a estratégia de comparar palavras e isolar elementos conhecidos nelas, para ler e escrever palavras novas” (Apud FRADE, 2007, p. 27). No entanto, se as frases dependendo do foco que se torna como partida no ato de alfabetizar, ou seja, se as frases são por exemplo: “vovô viu a uva” e “a uva é da vovó”, que se constituem sem significados, sem os valores sociais e culturais é possível não permitir que o aluno entre em contato com textos reais de compreensões de práticas sociais.

Sendo assim, é o que são denominados de método da frase, pois segundo a autora Frade, para Braslavsky (1985);

[...] o ponto de partida são atividades de expressão oral das crianças, cujos enunciados são simplificados em orações simples e escritos em faixas de distintos tamanhos, exibidas na sala de aula para que as crianças possam ilustrá-las, conservando-as numa certa ordem. Essas

frases podem depois ser consultadas para que as crianças encontrem nelas novas palavras e combinações (Apud FRADE, 2007, p. 27).

Desta forma, entende-se que o método da sentencição se for considerado como foco inicial no ato de alfabetizar, sugere-se estratégias que permitem que os alunos se relacionem inicialmente com significados de textos.

2.3.3 Modalidade do método analítico Global – dos contos

Historicamente, o método global foi instituído em meados do século XX, e este método é também caracterizado como o método dos contos, para dar sentido e significado para que a criança possa compreender a escrita e leitura na linguagem dos significados e significantes do sistema alfabético, da interpretação de textos até a produção de textos com autonomia “[...] a denominação “método global de contos ou de historietas”. Nesse método, a unidade tomada como ponto de partida é o texto [...] (FRADE, 2007, p. 27).

Para a autora:

No método global de contos e historietas a marcha seguida, com algumas variações, parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e “lido” durante um período, para o reconhecimento de sentenças, seguida do reconhecimento de expressões (porções de sentido), de palavras e, finalmente, das sílabas [...] (FRADE, 2007, p. 27).

Parte-se de gêneros textuais, um texto, conto, histórias, parlendas no qual o aluno memoriza e entende o sentido geral. Só depois se analisam as sentenças e se identificam as palavras, comparando as suas composições silábicas. Tudo começa pelo texto. Só depois de o aluno ter um contato intenso com uma história ou outro gênero textual é que o material será fragmentado em frases e palavras, para que os alunos identifiquem as partes decompostas. A criança entende para que serve ler e escrever. No entanto, a codificação e decodificação de fonemas e grafemas, o sistema alfabético precisa ser também ensinado. Como está na citação;

A rotina, com algumas variações, parte do reconhecimento global de um texto que é memorizado e “lido” durante um período, para o reconhecimento de sentenças, seguido do reconhecimento de expressões (porções de sentido), de palavras e, finalmente, de sílabas. Aqui, não estamos falando de um processo sequencial e simultâneo entre essas fases (GONÇALES e DE JESUS, 2015, p.52).

Segundo as autoras, “o trabalho de Alfabetização hoje denominado Método de Imersão segue um princípio parecido com o do Método Natural, privilegiando a escrita e a leitura quando essas se fazem necessárias nas situações de uso” (GONÇALES e DE JESUS, 2015, p.57). Métodos Analíticos globais são compreendidos, segundo Mortatti (2006, p. 03):

[...] que as crianças aprendem as letras, as palavras e as sílabas a partir de textos que tenham significados, elas constroem e desenvolvem a escrita e a leitura aprende a escrever e ler em situações que fazem uso dessa escrita, sendo que os professores necessitam fazer as intervenções, quando necessários.

Cabe salientar que o método global ou de contos abarca as modalidades da palavração e sentencição, mas sem ter como foco inicial as unidades menores. Alessandra Gotuzo Sebra e Natália Martins Dias, no artigo, Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz, consideram que o método global [...] propõe o ensino das associações entre palavras inteiras e seus significados (abordagem ideovisual), individualmente ou em textos introduzidos desde o início”. Dentre os princípios de sua prática, podem-se elencar de acordo com as autoras:

A leitura é compreendida como atribuição de sentido e interação entre o leitor e texto; a leitura não deve ser focada na decifração; A leitura é um "*jogo de adivinhação psicolinguística*". As crianças devem ser estimuladas a adivinhar o que está escrito a partir de pistas contextuais; A aprendizagem da leitura deve ocorrer a partir de unidades maiores que sejam significativas para a criança (palavras, sentenças, textos), com

incentivo à associação direta entre palavras e significados (SEBRA E DIAS, 2011).

Nesta linha, parte-se de um texto que tenha significado, mas sendo global pode-se a partir deste contexto fazer uso ainda de métodos mistos até mesmo dos sintéticos, porém com abordagens de metodologias construtivistas na didática de alfabetizar e letrar. Diante deste contexto, pretendemos abordar conceitos e reflexões sobre as metodologias de ensino, ou seja, as abordagens didáticas.

2.4 MÉTODOS DE ENSINO: AS ABORDAGENS DO PROCESSO NAS DIDÁTICAS -PEDAGÓGICAS

Pelo diálogo entre as concepções dos métodos de alfabetização, as metodologias têm sido decorrentes desses fundamentos desde o início das práticas. Soares, (2020) concebe de que:

Em todas as questões dos métodos de alfabetização percebemos seus conceitos, quando [...] cada “método de alfabetização” focaliza uma parte do complexo processo de aprendizagem do sistema alfabético, assumindo uma determinada faceta desse processo como um todo”. (SOARES, 2020, P. 186).

Para Mizukami, (1985) as metodologias são um “[...] “conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, na etapa da alfabetização, e de que, “as abordagens nesse processo, “[...] consubstanciam-se no comportamento do professor numa situação de ensino-aprendizagem [...]” (MIZUKAMI, 1985, p. 15).

São as ideias pedagógicas ou tendências dos fenômenos educativos que se apresentam-se em várias formas de concepções, ou seja, como menciona Rangel (2005):

Por sua própria natureza que não é uma realidade acabada, que não se dá a conceber de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos.”, os

quais influenciam as técnicas de ensino, pois a “palavra técnica de ensino tem sua origem justificada no “como fazer” o trabalho, como desenvolver seu processo de construção, seus procedimentos, seu encaminhamento”. (RANGEL, 2005, p. 09).

Na educação, toda metodologia respalda-se em uma base teórica que deverá nortear o processo ensino-aprendizagem para a construção do conhecimento, sendo o método, a base teórica da metodologia, que é o caminho que será seguido, diante dos objetivos, conteúdos que se quer ensinar. Como ressaltam Gonçalves e De Jesus (2015):

A didática da alfabetização incorpora uma série de procedimentos complexos e implica em escolhas de diversos caminhos. O professor alfabetizador precisa dominar os métodos clássicos de alfabetização, mas também uma série de outros procedimentos relacionados à organização do tempo e espaço na sala de aula, à escolha dos melhores materiais e situações de ensino, à definição de conteúdo e do ambiente de uso da cultura escrita na sala de aula (GONÇALES e DE JESUS, 2015, p. 39).

Para tais intencionalidades, acontecem as ações pedagógicas da didática ou técnica de ensino ou até mesmo técnica de didática no campo educacional. Os métodos de ensino são a maneira pela qual o professor utiliza para ensinar e como ensinar e está fazendo uso da didática. A didática é também uma ciência, que estuda os métodos e técnicas de ensino. Sobre métodos de ensino, Rangel discorre, (2005, p. 9)” [...] o significado de técnica tem sua justificativa no como fazer o trabalho, como desenvolver seu processo de construção, seus procedimentos, seu encaminhamento. É o de “artes “processos” de se fazer algo, ou como fazê-lo, como realizá-lo”.

Nestas ações educativas, no fazer pedagógico do professor, a respeito do processo didático, várias são as abordagens de tendências pedagógicas e suas características, em suas possíveis alternâncias na diversidade metodológica. Ponderam-se, dentre estas, apenas neste trabalho, a abordagem tradicional e, a abordagem do pensamento construtivista, por considerar que ambas ainda são tendências que permeiam as práticas pedagógicas ou ao entendimento de que vigoram ainda no atual contexto escolar nas suas alternâncias.

2.4.1 Abordagem tradicional

A abordagem tradicional é considerada a mais antiga abordagem de ensino que subsidiaram os professores e ainda subsidiam em alguns momentos na dinamização das aulas, ou seja, na dinâmica das aulas. Podemos conceber que o enfoque pedagógico tradicional revela-se na tendência epistemológica empirista. Para Moll (1996):

A postura empirista advoga o primado do objeto ou o primado do meio para apropriação do conhecimento [...] na gênese dessa postura teórica, vamos encontrar a tese da tábula rasa de John Locke, segundo a qual nascemos como folhas de papel em branco [...] quando o conhecimento é uma descoberta” é novo ao indivíduo que o faz [...] Do ponto de vista pedagógico esta posição [...] na qual o conhecimento fica reduzido a uma aquisição exógena, partindo de experiências, verbalizações ou recursos e materiais audiovisuais e são simplesmente transmitidos, repassados”. (MOLL, 1996, p. 75).

Desta forma nos seus princípios de fundamentos, para Moll (1996) “o enfoque tradicional abarca concepções e práticas que ainda persistem historicamente no quadro da escola brasileira, desde a influência dos jesuítas até nossos dias” (MOLL, 1996, p. 75-76).

Quanto à metodologia, o ensino, em todas as suas formas, nesta abordagem está centrado no professor como ser ativo em cumprir programas, conteúdos de disciplinas pré-estabelecidos que necessitam ser alcançados. O aluno apenas executa, é um ser passivo, e, a relação professora x aluno, “é vertical [...] sendo que o professor detém o poder decisório sobre a metodologia, conteúdo, avaliação [...] (MIZUKAMI, 1986, p. 14). Fernanda Karla Fernandes da Silva Góes e Thereza Sophia Jácome Pires que versam sobre Formação psicopedagógica: a importância dos métodos de alfabetização, ao enfatizar a aprendizagem consideram que:

[...] a aprendizagem como um treinamento particular baseado na repetição, onde o professor é visto como chefe, ou seja, quem dar as ordens e preenche a criança de conhecimentos, sendo o comportamento desta, passivo, onde será preenchida com textos e com suas respectivas famílias silábica. Dessa forma, a alfabetização passa a ser entendida somente como a aquisição de uma habilidade mecânica, motora, e não como a aquisição de uma atividade complexa. (GÓES E PIRES 2015, p. 127):

Nas técnicas da didática o ensino tradicional tal como posto, o professor já traz o conteúdo pronto e neste processo a aprendizagem é o produto bem assegurado, pronto e acabado para o aluno reproduzir. “A didática tradicional quase poderia ser resumida, pois, em “dar a lição” e em “tomar a lição” [...] (MIZUKAMI, 1986, p. 15).

Desta forma posto, trata-se, portanto, de uma abordagem de ensino e aprendizagem que atualmente é bastante criticada nos meios educacionais, quando se pensa nas práticas docentes que priorizam os métodos tradicionais, principalmente no processo de alfabetização das crianças. Para Ferreiro (2003):

Um das maiores críticas desse método tradicional, é a distância que ele faz entre o aluno e o seu conhecimento e experiência com o mundo, trazendo à tona atividades, assuntos e conteúdo que não estão presentes no seu dia a dia. Um exemplo disso é a utilização de livros didáticos apresentados para o aluno como uma fonte de conhecimentos de todo o mundo, ao invés de ser um dos objetos de conhecimento concreto da criança, muitas vezes fugindo da realidade de vida da mesma (FERREIRO, 2003).

Também porque desconsideram que cada turma é heterogênea, que cada criança constrói sua aprendizagem de acordo com seu nível de hipóteses de escrita, por conceber apenas o sistema como um ato de codificação e decodificação, além de propor atividades mecânicas de memorização, realizar copias sem sentido, dentre outros. Não há um aprendizado significativo. Para Seixas (2012), “Alfabetizar uma criança é muito mais que codificação e decodificação de códigos, a alfabetização é influenciada pelos vínculos sociais estabelecidos com os colegas de classe, o educador e o seu conhecimento de mundo” (Apud, GOES e PIRES, 2015, p. 125). Portanto, em apenas codificar e

decodificar a alfabetização na perspectiva do letramento não se efetiva, pois, segundo Soares (2004, p.1):

A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento e, este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (GOES e PIRES, 2015, p. 124).

Todavia, podemos talvez encontrar alguns alunos que aprendem partindo por esta abordagem metodológica, mas elas não constroem a sua aprendizagem de forma significativa e, sendo que estes alunos poderão ter dificuldades de interpretar e produzir textos mais adiante. Nesta concepção, aluno se torna um ouvinte passivo, através da educação de armazenar o que é passado, o resultado é os alunos dominam todo o conhecimento, mas não sabem como usá-lo e desenvolvê-lo. Em vista disso, também não se pode basear o ensino apenas pelo livro didático, cartilhas, folhinhas etc.

Compreender o ensino sob o enfoque tradicional como posto, é perceber nuances dos métodos de alfabetização conceituados na modalidade sintética que vai das partes para o todo, como no método alfabético, silábico e fônico, e no final a modalidade analítica pautado no método global, construtivo. E assim, na prática a didática em seus procedimentos não se limitam ao cotidiano do aluno e não se estabelecem nas relações sociais mais amplas, predominando apenas os conteúdos impostos. No entanto, na prática seria inverter o processo de construção de escrita, pois atualmente tem-se referências de que, a crianças aprendem e desenvolvem suas aprendizagens por meio de variados gêneros textuais que tenham significados e possam no final ler, interpretar e produzir textos.

2.4.2 Abordagem construtivista – a tese da desmetodização na alfabetização

Em meados de 1980 - 1990, no Brasil, adotou-se o construtivismo propagado nas escolas como sendo método de alfabetização, ocorre que, como já destacado neste

trabalho “O construtivismo não é um método de alfabetização, ao contrário do que muitos estudiosos acreditam” (GOES e PIRES, 2015, p. 130). E sim, é uma abordagem metodológica, que surge no que Mortatti (2009) define como o 4º momento e seus defensores definiam como uma nova perspectiva construtivista. Foi neste período também que vivenciam-se alterações entre os conceitos de alfabetização na perspectiva do letramento.

O construtivismo como metodologia de ensino entende que o aluno deve ter centralidade no processo de aprendizagem, sendo que a criança está em seu desenvolvimento de aprender a ler e escrever. Para Soares (2020, p. 41):

O aprendente [...] é a criança em desenvolvimento e o objeto a ser aprendido é a escrita alfabética e seus usos; aquele que ensina a/o professora/or alfabetizadora/or e a interação entre quem aprende e quem ensina. Em outras palavras, inclui a criança que aprende um objeto de conhecimento – a língua escrita- e aquele que com ela interage para que ela se aproprie desse objeto.

A concepção construtivista no Brasil nasce a partir de estudos piagetianos, mas principalmente sob a influência das pesquisadoras Emilia Ferreiro e Ana Teberoski (1984) sobre a gênese da língua escrita, a teoria exposta com a publicação do trabalho “Psicogênese da Língua escrita” quando investigaram como crianças percebiam a escrita, distinguindo através de desenho, formavam hipóteses sobre o que estava escrito e, finalmente, como se desenvolvia sua escrita inventada. Esta investigação influenciou para que as escolas, os educadores, passassem a realizar períodos de sondagens, ou seja, diagnosticar em quais níveis de hipóteses da escrita as crianças se encontravam ao fazer seus registros de escritas.

De acordo com as pesquisadoras Ferreiro e Teberosky (1984), as crianças passam por um processo de aquisição de escrita baseado em quatro níveis de hipóteses: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 17): “[...] o objetivo é tentar uma explicação dos processos e das formas mediante as quais a criança consegue aprender a ler e a escrever”. Ressaltam ainda:

Entendemos por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita[...] e ressaltam que não pretendem neste processo “[...] propor uma nova metodologia de aprendizagem [...], mas sim, “[...] apresentar a interpretação do processo do ponto de vista do sujeito que aprende, tendo, tal interpretação, seu embasamento nos dados obtidos no decorrer de dois anos com crianças entre quatro e seis anos [...]” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999).

Estas pesquisas psicogenéticas que possibilitaram aos professores referenciais de sondagens com as crianças na alfabetização, no sentido de que, nas práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores pudessem propor atividades didáticas para que possam:

Orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas e linguísticas que progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem-sucedida da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética (SOARES, 2016, p. 331).

Salientando ainda que os estudos apresentados pelas pesquisadoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky nos fazem compreender os diferentes percursos que as crianças vivenciam na fase inicial de suas escritas, e que vão construindo hipóteses até a escrita alfabética, que são os passos para as descobertas da escrita do sistema alfabético para a leitura, interpretação e produção de textos. Estas hipóteses são baseadas em níveis: pré-silábicos, silábicos, silábico-alfabéticos e alfabéticos.

Por este pensamento psicogenético, “ao aprender a escrever, o sujeito reconstrói a escrita, [...] as pesquisadoras demonstram que o aluno elabora hipóteses sobre o objeto de conhecimento, a escrita e, portanto, e esta aprendizagem “é um processo de construção e compreensão individual que precisa ser respeitado, e que os erros cometidos pelo sujeito, nesse caminho, são construtivos” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 17).

Como indica Ferreiro (2005⁶), os dados da pesquisa psicogenética não resolvem os problemas do ensino, mas colocam novos desafios relativos aos problemas clássicos da didática: o que ensinar, como ensinar, quando ensinar, o que, como, quando e por que avaliar (Apud, GALVÃO e LEAL, 2005, p. 12).

Então neste momento seria uma nova disputa de métodos, o que Mortatti (2006, p. 10) caracteriza como “o 4º momento: Alfabetização: construtivismo e desmetodização”? Segundo a autora:

Inicia-se, assim, uma disputa entre os partidários do construtivismo e os defensores — quase nunca “confessos”, mas atuantes especialmente no nível das concretizações — dos tradicionais métodos (sobretudo o misto ou eclético), das tradicionais cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos, engendrando-se um novo tipo de ecletismo processual e conceitual em alfabetização (MORTATTI, 2006, p. 10).

Época também que surgiu com mais força o termo letramento, que designa a alfabetização na perspectiva do letramento, ou seja, designou um significado mais abrangente à alfabetização. Do ponto de vista da autora Soares (2017), considera-se que:

Atribuir um significado abrangente à alfabetização” é necessário considerar que é um processo permanente, que não se esgota em apenas “na aprendizagem da leitura e escrita”. A autora, conclui que: o conceito de alfabetização “não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades, o que caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado” (SOARES, 2017, p. 16-18).

Neste sentido, o processo de alfabetização é indissociável ao processo do letramento, de compreensões múltiplas que dentre essas envolvem “[...] uma vasta gama

6 Conforme citado pelas autoras: Alfabetização, letramento e construção de unidades linguísticas. In: Seminário Internacional de Leitura e Escrita – Letra e Vida, promovido pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, 2005.

de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais”. Neste sentido, alfabetizar letrando ou letrar-alfabetizando para Soares (2004) significa:

[...] várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita.

Percebem-se mudanças metodológicas na ação alfabetizadora, o que significa que não é somente a criança se apropriar do sistema alfabético nesta etapa de escolarização, mas também formar leitores, a interpretar e produzir textos. Então, para entrar na cultura escrita, foi necessário:

[...] aliar a alfabetização ao que se dominou de letramento, entendido como desenvolvimento explícito e sistemático de habilidades e estratégias de leitura e escrita”. Em outras palavras, aprender o sistema alfabético da escrita, e, contemporaneamente, conhecer e aprender os usos sociais: ler, interpretar e produzir textos. Não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar (SOARES, 2020, p. 11-12).

Sobre desenvolvimento e aprendizagem, Soares (2020) esclarece sobre estes conceitos: que são dois processos significativos:

Desenvolvimento é processo que resulta dos níveis de maturação psicológica da criança em interação com experiências com a língua escrita em seu contexto sociocultural- o desenvolvimento de dentro para fora. E, aprendizagem: é o Processo pelo qual a criança, pela mediação de outros, adquire informações sobre a escrita e habilidades com a escrita, o que possibilita que formule e reformule conceitos a respeito de escrita – a aprendizagem se faz de fora para dentro.

No ciclo da alfabetização e letramento “[...] o ensino do sistema de escrita alfabética e de seus usos pessoais e sociais deve desenvolver-se integrando os dois

processos [...]”: “Na sala de aula ao planejar uma sequência ou unidade didática, o primeiro passo deve ser a escolha de um texto que desperte o interesse das crianças, e esteja compatível com o nível linguístico e cognitivo delas (SOARES, 2020, p. 39).

Entende-se então que não seria o construtivismo como uma forma de “desmetodizar o ensino”, mas de estar [...] “Consciente da necessidade de se organizar para melhor ensinar” (GONÇALES E DE JESUS, 2015, P. 15). Para Soares, (2013, p. 14).

[...] é preciso reconhecer a possibilidade e necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita,¹⁶ integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro e, conseqüentemente, a diversidade de métodos e procedimentos para ensino de um e de outro, uma vez que, no quadro desta concepção, não há um método para a aprendizagem inicial da língua escrita, há múltiplos métodos, pois a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de crianças e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica [...]

Isto tudo prevê um novo professor, para um novo aluno, ou seja, uma nova escola, uma nova didática de como ensinar, e este sentido se o método de ensino é um conjunto de técnicas coordenadas a uma determinação de um objetivo, como modo de se agir e lançar este objetivo, a técnica é mais uma forma, uma estratégia, ou seja, o que fazer, como fazer para que se alcance tal objetivo.

Para Veiga, (2009, pag.08)” As técnicas de ensino são componentes operacionais dos métodos de ensino, eu por sua vez estou vinculado a um ideário pedagógico, e é isso que possibilita torna-las concretas, caso contrário seriam apenas objetos de formalismo”. Nisso traduzem-se os métodos e metodologias dos professores no cotidiano da sala de aula, tendo as técnicas de ensino, “sempre como meios, nunca fins [...] “(VEIGA, p. 08).

Para analisar quais são os métodos adotados e/ou apropriados atualmente pelos professores alfabetizadores em suas experiências pedagógicas, ou seja, quais métodos de alfabetização e de ensino são eficazes na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos na etapa da alfabetização, e, para tal intento realizou-se uma pesquisa com professores

alfabetizadores que atuam no ciclo de alfabetização, que será desenvolvido no capítulo três.

3 METODOLOGIA-CAMINHOS INVESTIGATIVOS E PROCEDIMENTOS

3.1 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia foi por meio da abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A abordagem qualitativa, segue o caminho de uma pesquisa que não será quantificada, ou seja, seu foco está no caráter subjetivo, compreendendo aprofundar o tema para obter informações, explorando as teorias que se relacionam, descrevê-los, e, analisar a partir da coleta dos dados da pesquisa. Para Deslandes (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais com o nível de realidade que não pode ser quantificado”. Ou seja: Ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES, 2011, p. 21).

A pesquisa é também exploratória, de acordo com Gil (2008, p.27) porque constitui “a primeira etapa de uma investigação mais ampla [...] com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Para esta pesquisa ocorreu a necessidade de estudos mais aprofundadas, para as discussões e debates neste trabalho, de alguns autores que mais se aproximaram da temática.

Como referência descritiva, objetivou-se esclarecer de maneira abrangente estudos da fase exploratória, desenvolvendo novos conhecimentos a partir de dados de pesquisas já existentes, para reflexão sobre eles. A partir dessas reflexões, analisar com os dados obtidos na pesquisa através das professoras alfabetizadoras⁷. Conforme Gil (2008, p. 28), “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática [...]”. A fase descritiva também se relaciona com a análise dos dados da pesquisa realizada.

⁷ Todas as participantes são do sexo feminino.

Neste sentido, este trabalho caracteriza-se como estratégia de método de pesquisa sobre o estudo de caso, em duas escolas públicas municipais, que permitiram um meio de organizar dados mais amplos preservando seu caráter unitário baseado em um questionário semiestruturado com quatro professoras alfabetizadoras que atuam ou já atuaram na etapa da alfabetização. O que nos remete a Ludke e ao André (2007, p. 18-19), que relatam que “os estudos de caso enfatizam a interpretação do contexto [...] para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas a situação específica em que ocorrem [...]”

O Estudo de Caso é útil, ressalta Yin (2001), “quando se quer investigar acontecimentos contemporâneos em que não se pode controlar comportamentos considerados relevantes”. Conforme Yin (2001), o estudo de caso também “é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados”.

3.2 DELINEANDO ESTRATÉGIAS DE COLETA DOS DADOS- A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O projeto de pesquisa foi construído em 2021, mas foi realizado em setembro do mesmo ano. Em virtude de contratempos pessoais, somente agora em 2022, que se deu a continuidade e finalização deste trabalho.

A pesquisa ocorreu em duas escolas públicas do município de Cidreira, estado do Rio Grande do Sul, com professoras com experiências de práticas que atuam em turmas de primeiro ao terceiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Deste modo, após o envio da carta de apresentação, com objetivos delineados, convidamos os professores a participarem. Algumas delas, a princípio, hesitaram em participar da pesquisa por estarem sobrecarregadas por conta das apostilas às quais estavam preparando e corrigindo semanalmente para dar seguimento na alfabetização dos seus alunos. Após explicar para as diretoras tamanha importância da pesquisa, elas intermediaram meu contato com as professoras, para que assim fosse iniciada a pesquisa.

A estratégia da realização da pesquisa foi baseada em um questionário contendo questões abertas. Um questionário é descrito por Gil (2008, p. 121): “[...] como a técnica

de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc.”.

Sobre as questões abertas “[...] solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas [...] este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta [...]” (GIL, 2008, p. 122). Neste sentido, as formulações das perguntas no questionário foram: Na sua concepção, o que é possível compreender por métodos de alfabetização e os métodos de ensino? Na história dos métodos, em suas formas clássicas de ensinar, encontram-se os tipos de métodos: Sintéticos e analíticos, quais você já utilizou para alfabetizar seus alunos? Por quê? Pela sua experiência profissional, os métodos influenciam nas estratégias pedagógicas ao processo de ensino e aprendizagem? Desde os anos de 1990, introduziu-se fortemente nas escolas o construtivismo, para alfabetização na perspectiva do letramento, que alguns consideram como método de ensino e, outros como metodologias para aprendizagem. Como você define as suas concepções? Na sua trajetória, como professor (a) alfabetizador (a) o que você considera importante enquanto experiências didáticas pedagógicas e, quanto ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos? O que você considera importante na sua metodologia de ensino, para que de fato os alunos estejam alfabetizados e letrados? Podemos pensar que existem métodos de alfabetização e de ensino que sejam totalmente eficazes?

As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nela poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente (CHAER, et.al. 2011, p. 262).

Optar pelo questionário, além de permitir aos participantes anonimato, deixa-se um tempo maior para que efetivem suas respostas e, sem a presença do pesquisador, embora se corra o risco de não obter informações precisas aos questionamentos, mesmo assim, não desestimulou pela opção do uso dessa técnica, por conta da indisponibilidade das participantes em caso de entrevista presencial.

Acompanhando o questionário, o termo livre e esclarecido foi lido e assinado por cada participante. Enfocando o tema, os objetivos da pesquisa e orientando sobre os regramentos. Marconi e Lakatos (1999, p. 100) destacam que: junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a

necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do receptor para que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável (Apud CHAER, et.al.2011, p. 261).

3.3 CONTEXTOS DA PESQUISA- AS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Como já mencionado, a pesquisa foi realizada em duas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental situada no município de Cidreira, estado do Rio Grande do Sul.

A instituição 1 é uma escola pública municipal, que está situada em um bairro (zona A), que conta com infraestrutura de 11 salas de aula, sala de direção, laboratório de informática, sala de recursos (AEE), refeitório e espaço recreativo. Esta escola comporta 560 alunos com idades entre 6 e 15 anos distribuídos nas turmas de pré-escola a nono ano, nos turnos manhã e tarde. Quanto ao quadro de funcionários, a escola possui 32 colaboradores entre professores, gestores e serviços gerais.

A Instituição 2 fica localizada no bairro centro, e é considerada a maior escola de ensino fundamental da cidade, que atualmente conta com 20 salas de aula, sala de diretoria, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de recursos, biblioteca, refeitório, auditório, quadra de esportes e espaço recreativo. Quanto ao quadro de colaboradores à escola possuiu 47 funcionários sendo eles: professores, gestores, auxiliares de serviços gerais e guardas.

Atualmente a escola tem 800 alunos matriculados, divididos nas turmas de pré-escola aos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental nos turnos manhã, tarde e noite.

3.4 PROFESSORAS PARTICIPANTES

Para escola I, foi enviado o questionário para três professoras, denominadas neste trabalho pelas letras (A, B e C). A escola II somente uma das professoras respondeu as questões, esta foi denominada professora (D). As suas identificações são assim denominadas para preservar a identidade delas, pois não obtivemos aprovação para

publicação dos nomes. Segue no quadro abaixo as informações das respectivas profissionais:

Professora	Formação	Tempo de atuação como professor	Tempo de atuação como alfabetizador	Turmas que já atuaste nas etapas da alfabetização:	Turma que exerce docência atualmente
A Escola I	Magistério; Pedagogia; pós em orientação supervisão; pós em artes na educação; pós em mídias na educação e pós em psicopedagogia institucional e clínica.	10 anos	7 anos	1º, 2º e 3º ano	3º ano (25 alunos) EJA alfabetização de adultos (15 alunos)
B Escola I	Pedagogia anos iniciais com ênfase em educação infantil e pós-graduada em Supervisão Escolar.	7 anos	7 anos	1º ano e 2º ano	2º ano composta por 24 alunos
C Escola I	Magistério, pedagogia e pós-graduação em supervisão escolar. Curso das boquinhas, Fórum Internacional de Osório, Ludicidade e Alfabetização.	13 anos.	8 anos.	1º e 3º ano	1º ano com 24 alunos
D Escola II	Fornada em Pedagogia Plena e Curso pós-normal	13 anos	2 anos	1º e 2º ano	1º ano 20 alunos

Fonte: Dados da autora coletados pelos questionários (2021).

4 EXERCÍCIO ANALÍTICO – DISCUSSÕES DOS DADOS

AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORES ACERCA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E DE ENSINO QUE SUBSIDIAM AS SUAS EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICAS

A partir das compreensões sobre a diversidade de métodos de alfabetização e de ensino, em suas especificidades e modalidades que fez parte do objetivo geral já construído neste trabalho. Retomamos, com as professoras, o objetivo da pesquisa: que foi analisar os métodos que estão sendo adotados e/ou apropriados em suas experiências de práticas pedagógicas, e a questão de quais métodos de alfabetização e de ensino são eficazes na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos na etapa da alfabetização. As respostas foram obtidas a partir das perguntas formuladas que constam na parte metodológica. Desta forma, os dados coletados em suas respostas foram divididos em eixos temáticos de acordo com as perguntas formuladas no questionário.

EIXO 1- CONCEPÇÕES SOBRE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E DE ENSINO.

Na pesquisa realizada, percebe-se nos entendimentos sobre os métodos de alfabetização e de ensino variadas concepções que abrem possibilidades pedagógicas. Sabe-se que estes pressupostos são concebidos de acordo com os saberes dos educadores e suas experiências alfabetizadoras. Percebe-se na medida em que, mencionam sobre suas compreensões sobre métodos de alfabetização e de ensino.

Os métodos de alfabetização se consolidam com os conteúdos específicos da língua a serem ensinados a crianças, [...] ambos têm como conteúdo o ensino da escrita. Métodos de ensino, considerados modelos teóricos ligados à criação de currículos escolares e à orientação dos planos de aula, [...] Métodos de ensino, considerados modelos teóricos ligados à criação de currículos escolares e à orientação dos planos de aula, os métodos buscam trazer novas possibilidades para que os estudantes consigam apreender o conteúdo com mais facilidade. (PROFA. A- ESCOLA 1)

“São as “ações desenvolvidas pelo professor, através das quais se organizam as atividades para os alunos a fim de atingir um objetivo relacionado a um conteúdo específico”. (PROFA.B ESCOLA 1)

“[...] os dois são a mesma coisa, pois são as atividades que desenvolvemos com os educandos sempre em busca de um objetivo”. (PROFA. C – ESCOLA 1)

Método de alfabetização “É a forma (didática) em que o professor opta por alfabetizar/ensinar os seus alunos e os métodos de ensino são as ações, atividades que os professores optam para aplicar o método utilizado por ele”. (PROFA. D – ESCOLA 2)

Fonte: Dados coletados via questionário (2021)

Sob estas compreensões vem a ideia do pressuposto de que métodos de alfabetização e de ensino atualmente em vigor subsidiam práticas dos professores alfabetizadores, dependem, claro, do conteúdo específicos, dos currículos escolares e as formas didáticas, como mencionado por [...] Emília Ferreiro (2001) que afirma: a forma de alfabetizar, nas tendências inovadoras, não se encontra no livro, mas no saber do professor [...] (Apud FRADE,2003, p. 20). E ainda pode-se entender de que se:

Antigamente, o termo “método de alfabetização” designava o modo de ensinar apenas alguns conteúdos específicos e próprios da fase inicial da aprendizagem, [...] de princípios ou da prática particular de um professor. Atualmente, o termo abarca o que podemos chamar de uma didática da alfabetização (MORTATTI, 2010).

Na visão de que métodos de alfabetização e as didáticas, metodologias ou técnicas de ensino não se diferenciam, mas que são indicações de “um caminho que conduz ao um fim determinado” os procedimentos de ensino são “[...] ordenar a atividade de, a fim de se chegar a um objetivo” (GALVÃO e LEAL, 2005, p.17).

Todavia, os métodos de alfabetização são o caminho que subsidiam as metodologias de ensino que são as técnicas ao caminho de como fazer na didática, pois de acordo com Rangel (2005): “[...] o método é o caminho e a técnica é “como fazer”, como “percorrer” esse caminho. A metodologia didática refere-se então ao conjunto de métodos e técnicas de ensino para a aprendizagem”.

Entremeando por essas concepções: “o método de alfabetização compreende o caminho (entendido como direção e significado) e um conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita” (GALVÃO & LEAL, 2015, p. 18).

Entende-se então que os métodos de alfabetização se caracterizam por qual princípio de método o professor alfabetizador se apropria e, de ensino dependendo do conteúdo e de qual metodologia fará uso em suas estratégias de ensino. Para as autoras Gonçalves e de Jesus (2015):

Entende-se que os termos metodologias e/ou didáticas da alfabetização se referem a um conjunto amplo de decisões relacionadas ao como fazer, ou seja, decisões metodológicas sobre procedimentos de ensino são tomadas em função dos conteúdos de Alfabetização que se quer ensinar e do conhecimento que o professor tem sobre os processos cognitivos dos alunos, quando eles tentam compreender o sistema alfabético e ortográfico da linguagem escrita e seu funcionamento social (GONÇALES E DE JESUS, 2015,p. 24).

Sabemos que as diferentes formas condicionam as maneiras com que se trabalha os conteúdos, sobretudo de alfabetização” (FRADE, 2007, p. 30). Cabendo ressaltar ainda de que, [...] sabemos que não são apenas os métodos que definem o aprendizado e que não é uma única estratégia metodológica que vale para todos (FRADE 2003, p. 18).

Percebe-se que diferentes significados estão sendo atribuídos do que se relacionam com métodos de alfabetização e métodos de ensino. Nem sempre se têm uma compreensão única ou explícita, no entanto, conforme nos relata Mizukami (1986, p.1) [...] há várias formas de se conceber um fenômeno educativo,” ou seja, como já citado por Rangel (2005);

Por sua própria natureza que não é uma realidade acabada, que não se dá a conceber de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos.”, os quais influenciam as técnicas de ensino, pois a “palavra técnica de ensino tem sua origem justificada no “como fazer” o trabalho, como desenvolver seu processo de construção, seus procedimentos, seu encaminhamento” (RANGEL, 2005, p. 09).

Resume-se então que em um todo, métodos de alfabetização e de ensino são um conjunto de saberes práticos de professoras alfabetizadoras, como elas organizam o processo de alfabetização em seu trabalho pedagógico, ressaltando que na didática prevalece a autonomia do professor na escolha do método de alfabetização. Consideram-se os princípios de organização da aula, que dependem da heterogeneidade de alunos em seus diferentes níveis de hipóteses de construção da escrita, da escolha dos recursos, dos materiais, o próprio conteúdo a ser ensinado, o objetivo da aprendizagem daquele conteúdo, suas formas de avaliação etc.

EIXO 2: ENTRE OS METODOS SINTÉTICOS E ANALÍTICOS

Na perspectiva das compreensões das características dos métodos sintéticos e analíticos, em que as professoras alfabetizadoras se apropriam, há um diálogo em suas implicações para as práticas docentes. Ao serem questionadas quais desses métodos já foram ou estão sendo utilizados em suas experiências para alfabetizar seus alunos, as respostas foram:

Todos, a escolha por apenas um caminho como verdade metodológica não será igualmente boa para todos que aprendem e que ensinam e nem que serão eficientes para todos os conteúdos que temos hoje na alfabetização. (PROFA. A- ESCOLA 1)

Numa turma de alfabetização creio que todos os métodos sejam relevantes, o que importa é o professor se sentir confiante e totalmente seguro do que está realizando, dessa forma as crianças também sentem a segurança para que possam se desenvolver com confiança e autoestima. Utilizo o método sintético, alfabético, silábico e fônico, no começo do ano, e no meio do ano utilizo o método analítico pela palavração e sentencição. (PROFA. B- ESCOLA 1)

Já utilizei os três, pois o ato de ensinar não exige uma regra a ser seguida ou um método a ser utilizado, depende da turma, vamos trabalhando, conhecendo os alunos e adequando conforme a realidade dos educandos e aos níveis no qual se encontram. (PROFA. C- ESCOLA 1)

“[...] hoje por estar alfabetizando uma turma de primeiro ano e ser o primeiro contato deles com a escola penso que o sintético abrange mais a turma”. (PROFA D -ESCOLA 2)

Fonte: Dados coletados via questionário (2021)

Percebe-se que em práticas atuais há uma mesclagem entre todos os métodos de alfabetização, ora centrando nos sintéticos (das partes para o todo) ora nos analíticos (do todo para as partes). Desta forma, a alfabetização não “[...] se reduz a uma escolha de método; quando o educador tem a sua opção por determinado modo de ensino para a criança, o seu processo peculiar de aprendizagem [...]” (SOARES (2016).

Todavia, há uma certa predominância dos métodos sintéticos e suas modalidades no ensino, que se compreende de que “Vários deles permanecem até os dias atuais” (FRADE, 2005, P. 22). Para a autora, os métodos sintéticos se baseiam em um mesmo pressuposto:

O de que a compreensão do sistema de escrita se faz sintetizando/juntando unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e sua representação escrita, ou seja, a análise fonológica. Dependendo do método, essas unidades de análise podem ser escolhidas entre letras, fonemas ou sílabas, que se juntam

para formar um todo. A aprendizagem pelos métodos sintéticos leva à decodificação ou decifração (FRADE, 2005, p. 23).

Nestas compreensões quando a escolha é por todos os métodos, se percebe também que se fazem mais usos de sintéticos ou analíticos, mas as duas modalidades têm suas especificidades de tipos ocorrem nas escolas, que dependem do contexto da turma dando importância e total relevância a todos os métodos.

O desenvolvimento e a construção do método e das técnicas de ensino e aprendizagem encaminham-se mediante diversos progressos, a exemplo da estruturação lógica (de sequência lógica do conteúdo) e sociopsicológica (de elaboração sociocognitiva do conhecimento), que ocorrem nas relações entre professores, alunos, conteúdos e contexto de aprendizagem (RANGEL, 2005, p.14).

Suas posições quanto a diversidade de métodos e a forma como são utilizados em sala de aula, nos remete a Soares (2016);

Os métodos não atuam autonomamente, sem limitações ou obstáculos; são construídos de procedimentos, de interação entre alfabetizador e alfabetizados, efetivam-se na inter-relação entre crianças diferentes, em situações de aprendizagem coletiva, inseridas em determinada comunidade escolar (SOARES, 2016, p.50).

Entretanto, a profissional que inicia o processo da aprendizagem dos seus alunos alfabetizando-os no início dos princípios da marcha sintética, quando cita suas modalidades “no começo do ano” para depois seguir por métodos analíticos, o que caracteriza segundo os estudos em seus diálogos o inverso do que se compreende para inserir a criança na cultura escrita, quando se tem o pensamento sobre alfabetização indissociável com o letramento quando em conformidade:

[...] primeiro percebe-se o todo para depois se observar as partes; - os métodos de alfabetização devem priorizar a compreensão;

no ato da leitura, o leitor se utiliza de estratégias globais de reconhecimento; - o aprendizado da escrita não pode ser feito por fragmentos de palavras, mas por seu significado, que é muito importante para o aprendiz; - a escola tem que acompanhar os interesses, a linguagem e o universo infantil e, portanto, as palavras percebidas globalmente também devem ser familiares e ter valor afetivo para a criança (Apud. GONÇALES E DE JESUS, 2015, p.49).

Neste sentido, atualmente a alfabetização que para Galvão; Leal (2015, p. 15_) “[...] é um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento do sistema alfabético de escrita”, e, o letramento aos alunos nesta etapa de escolarização necessitam ser construções mediados pelo professor no processo”.

Para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa participar de situações que o desafiem, que coloquem a necessidade da reflexão sobre a língua, que o leve enfim a transformar informações em conhecimento próprio. É utilizando-se de textos reais, tais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros gêneros, que os alunos podem aprender muito sobre a escrita (GALVÃO; LEAL, 2015, p.15).

Como proposta de trabalho, por exemplo, pode-se adotar o método sintético fônico (os sons das letras), com a metodologia do pensamento psicogenético, da abordagem construtivista, sempre a partir de textos, focalizando do todo para as partes das frases, palavras e letras alfabéticas. Estamos falando de um processo que requer seguimentos, pesquisas e articulações em que cabe ao educador estar em constante estudo entre os métodos passados e os métodos atuais, para um melhor resultado. Como nos explicita Soares:

[...] A criança aprende a escrita buscando sentido, em eventos de interação, com material escrito, **nos textos**. Seria artificial (impossível!) pretender levar a criança a adquirir a fala ensinando-a pronunciar fonemas e reuni-los em sílabas, estas em palavras, para enfim chegar aos textos que a habilitassem a interagir com o convívio social, também se torna artificial levar a criança a aprender a leitura e a escrita desligadas de seu uso, ensinando-a a reconhecer e traçar letras, relacioná-las a valor sonoro, junta-las com as sílabas, essas em

palavras, para enfim ler e escrever textos, tornando-se capaz de inserir-se no mundo da escrita. (SOARES, 2020, p. 34).

Rangel (2005, p.19) sugere que em uma mesma turma que tenhamos níveis diferentes de ensino seja porque o educador utiliza metodologia de aprendizagem em grupos, devemos refletir sobre: “Os métodos de ensino em grupos, ou aplicados coletivamente aos alunos por grupos de estudo, enfatizam a troca de ideias, a discussão e as contribuições”.

Quando se analisa métodos mistos, Frade (2010) destaca que, “por meio do diálogo entre práticas passadas com as práticas atuais, pode-se entender os problemas, compreender que soluções fizeram avançar a prática e desconfiar de soluções mágicas e fáceis para a alfabetização”. Desta forma, “os aprendizes, [...] precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de “compreensão/expressão de significados do código escrito” (SOARES, 2013, p. 16).

Para Mortatti (2009), é preciso “[...] lembrar, ainda, que, durante o século XX, já não se tratou mais de tendência predominante a proposição e a aplicação de métodos sintéticos ou analíticos puros, mas de métodos mistos (analítico-sintéticos ou sintéticos-analíticos) (MORTATI, 2009, p. 103).

Embora tenham surgido entre antigos e novos, de acordo com suas características e movimentos, as discussões ainda variam, mas métodos adotados e/ou apropriados ou até mesmo que vigoram atualmente têm influência no processo de ensino e aprendizagem.

EIXO 3. A INFLUÊNCIA DOS MÉTODOS E METODOLOGIAS NAS ESTRATEGIAS PEDAGOGICAS E OS RESULTADOS DO USO NAS ESPECIFICIDADES.

Sobre se os métodos usados em suas estratégias pedagógicas influenciaram nas aprendizagens podemos observar que as professoras trazem reflexões e resultados significativos relativos às aprendizagens, conforme ressaltam:

Sim, porque não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita estabelecendo relações entre sons e letras. Também não é suficiente que os alunos leiam textos completos pertencentes a uma esfera escolar ou literária: é necessário que façam uso da escrita em situações sociais e
--

que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem. Gosto muito do método analítico e do Global. ele parte do todo para as partes. Buscando atuar na compreensão, toma como unidade de análise a palavra, a frase e o texto e supõem que se baseando no reconhecimento global como estratégia inicial, os alunos podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo do método global que vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba. (PROFA. A -ESCOLA 1)

Depende da turma, quando a turma tem um nível parecido de aprendizagem, qualquer método utilizado atinge seus objetivos. Método sintético. Quando há diversos níveis de aprendizagem o método sintético atinge melhor o propósito, isso de acordo com a minha experiência em turmas de alfabetização na minha escola. Nas minhas turmas apresentou bons resultados ao longo do ano letivo, concluindo o ano com 95% da turma alfabetizada, lendo, escrevendo e interpretando pequenos textos. (PROFA.B- ESCOLA 1)

Porque os métodos ajudam na aprendizagem, mas se eu como educadora me focar em um único método posso influenciar negativamente na aprendizagem dos alunos, então devo sempre buscar maneiras para o pleno aprendizado das crianças e não um método certo. Método das boquinhas, tem apresentado bons resultados, este método fonovisuoarticulatório é de mais fácil entendimento para as crianças pois usa o som e a visualização para compreensão das letras/palavras. (PROFA. C- ESCOLA 1)

O Sintético, por serem-nos de primeiro ano e ser o primeiro contato com a escolar, este método abrange mais meus alunos. (PROFA. D- ESCOLA 2)

Fonte: Dados coletados via questionário (2021)

Os métodos mistos adotados em suas estratégias pedagógicas usadas nas metodologias de ensino parecem estar em tendências que sugerem uma abordagem na perspectiva construtivista, quando se compreende as dimensões do método global, e também em uma tendência mais tradicional, quando se percebe o ensino em suas nuances nas dimensões conceituadas no método sintético. Já o tradicional acontece no sentido de poder das relações com os alunos, de o professor ser ativo e o aluno passivo. Todavia ambas as tendências apresentam resultados significativos de escrita e produção de textos, por isso “se consideramos que as instituições sociais usam a língua escrita de forma diferente, em práticas diferentes, diremos que a alfabetização é uma das práticas de letramento” (KLEIMAN 2005, p. 12).

Compreendendo ainda de que estas ações pedagógicas na diversidade dos métodos e metodologias vão dependendo do ponto de partida “[...] cada método de alfabetização focaliza uma parte do complexo processo de aprendizagem do sistema alfabético, assumindo uma determinada faceta deste processo como sendo um todo”. SOARES (2020, p. 286). No entanto para aprendizagens significativas, Ferreiro (1992) salienta:

[...] a aquisição da linguagem oral, e ou escrita indefere o método, mas refere-se à metodologia, uma vez que nem não se aprende nem um fonema, nem sílaba, e nem uma palavra por vez, a aprendizagem da língua escrita não é um processo cumulativo simples, mas uma organização complexa, desconstrução e reestruturação contínua que cabe ao educador. (Apud SOARES, 2016, p. 41).

Ao perceber que a questão dos métodos tanto antigos quanto os novos são ainda controversos e que não há [...] consenso sobre a aprendizagem [...] (SOARES, 2016). A autora ressalta:

A controvérsia e a polêmica em torno dos métodos de alfabetização parecem ser em decorrência de um pretense antagonismo [...] entre um ensino construtivista e um ensino explícito. De um lado, o argumento de que os alunos aprendem por *construção* do conhecimento sobre o sistema alfabético; de outro, o argumento de que os alunos, ao contrário, aprendem por instrução e orientação explícitas sobre o sistema alfabético. (SOARES, 2016, p. 336).

Contudo, somente se pautar pelos métodos antigos (sintéticos) que foram combatidos pelos defensores dos globais (analíticos) talvez não seja aceitável, assim como nos explica Soares (2016) “[...] o ensino explícito [...] não é suficiente, porque segundo a autora:

[...] não pode desenvolver-se desvinculado das demais facetas separando a língua escrita de seu objetivo último, que é a compreensão ou expressão de mensagens de diferentes naturezas, e desse modo fragmentando artificialmente a criança a formação de criança leitora e produtora de textos (SOARES, 2016, p. 350).

Sugere-se, neste processo, que as entradas do alfabetizando na cultura escrita seja na etapa de escolarização “o texto é o eixo central da alfabetização e letramento de forma interdependente” (SOARES, 2020, p.33). Conforme a autora nos diz: “Letrar:

desenvolvendo atividades de leitura, interpretação e produção de texto; alfabetizar: situando no texto a aprendizagem do sistema alfabético de que os alunos precisam apropriar-se, para que se tornem capazes, eles também, de ler e escrever textos”.

Desta forma, em uma sala de aula com turmas heterogêneas, no ciclo da alfabetização e letramento” [...] o ensino do sistema de escrita alfabética e de seus usos pessoais e sociais deve desenvolver-se integrando os dois processos [...]. Na sala de aula ao planejar uma sequência ou unidade didática, o primeiro passo deve ser a escolha de um texto, [...] (SOARES, 2020, p. 27).

Entre velhos e novos princípios de práticas contemporâneas, temos: “Pode-se dizer então que temos diferentes metodologias: para a aprendizagem do sistema de escrita, para a compreensão, para a fluência, para a produção de textos escritos, para as atitudes e sociabilidades necessárias para participação nos espaços e situações em que a escrita se faz presente na sociedade (FRADE, 2007, p. 32). Entretanto este discurso envolve-se também as possibilidades e limites entre um método e outro, suas relações e características, conforme Frade (2007, p. 29):

Não se pode esquecer que, em geral, as possibilidades e limites de métodos de alfabetização estão ligados aos métodos de ensino que, ao serem produzidos paralelamente, dão ao ensino um ordenamento mais amplo e interferem em todos os conteúdos da instrução e formação. As relações entre as formas de organização do ensino, os paradigmas sobre o papel da escola e sobre o aprendizado vão repercutir historicamente em métodos de alfabetização: seja para reforçar alguns deles, seja para negá-los.

Contudo, percebe-se que as professoras também fazem uso dos métodos globais, o que implica no atual momento no que menciona Frade (2007, p. 33) “Os professores também vêm utilizando estratégias presentes nos métodos globais de ensino quando escolhem determinadas palavras ou textos incentivando o seu reconhecimento global”.

EIXO 4- SOBRE A METODOLOGIA CONSTRUTIVISTA

Como sabemos a metodologia construtivista que alguns consideravam como método de ensino e, outros como metodologias para aprendizagem, nesta abordagem elas definem como:

O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo a dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. A partir de sua ação, vai estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo. A teoria condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno. Aquisição dos conhecimentos, que não são transmitidos apenas pelos professores, como forma de se tornar o aluno um ser autônomo. (PROFA A- ESCOLA 1)

O professor deve estar muito preparado e aberto para utilizar o construtivismo porque é um trabalho que deve ser muito bem direcionado para apresentar um resultado satisfatório. (PROFA B-ESCOLA 1)

A meu ver o construtivismo é ensinar através da construção do conhecimento, buscando maneiras para alcançar esse caminho. Se quero ensinar a partir do conhecimento do aluno é um método e como vou fazer isso é a metodologia, então acredito ser a união das duas coisas. (PROFA C- ESCOLA 1)

O método de ensino é a forma como o professor irá realizar o seu ensino e a metodologia, é como ele irá fazer para que o aluno chegue ao seu objetivo. (PROFA D- ESCOLA 2)

Não é demais lembrar que o construtivismo é uma abordagem metodológica, o processo do caminho do desenvolvimento das aprendizagens que a criança irá percorrer nos fazem compreender os diferentes percursos que as crianças vivenciam na fase inicial de suas escritas, e que vão construindo hipóteses até a escrita alfabética, que são os passos para as descobertas da escrita do sistema alfabético para a leitura, interpretação e produção de textos, que segundo portanto, e esta aprendizagem [...] “é um processo de construção e compreensão individual que precisa ser respeitado, e que os erros cometidos pelo sujeito, nesse caminho, são construtivos” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 17).

Nessas concordâncias de que as professoras alfabetizadoras se referem de que “o construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado”, e que o professor deve estar muito preparado e aberto para utilizar o construtivismo” e mais, “o construtivismo é ensinar através da construção do conhecimento, buscando maneiras para alcançar esse caminho”, nos Anos Iniciais torna-se pertinente que a ação educativa ainda do ponto de vista da perspectiva construtiva, “[...] *O construtivismo* piagetiano, que

seria aplicável a vários conteúdos e níveis de ensino também fez sua grande revolução no campo da alfabetização. (FRADE, 2005, p. 30). Para tanto Mortatti (2000) enfatiza:

Estas contribuições têm ajudado a estabelecer parâmetros para um diagnóstico da produção escrita, do ponto de vista das hipóteses sobre o funcionamento do sistema que as crianças elaboram e para pensar formas de intervenção e organização dos alunos em sala de aula. Mas esta mesma teoria, que não focalizava aspectos do ensino, também ajudou a fortalecer um discurso de “desmetodização” da alfabetização [...] (Apud FRADE, 2007, p. 31).

Neste sentido, pode-se destacar conforme Frade (2007, p. 32) “constata-se que a própria noção de metodologia se ampliou”. E acrescenta:

metodologias” se refere a um conjunto amplo de decisões relacionadas ao como fazer e implica decisões relativas a métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, à definição de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino (FRADE, 2007, p. 32-33).

EIXO 5: EXISTEM MÉTODOS EFICAZES?

As participantes professoras alfabetizadoras ao serem questionadas sobre se existem métodos de alfabetização e metodologias de ensino que sejam totalmente eficazes, as respostas foram:

Não. Nem um método é 100% eficaz, o aprendizado dos alunos pode estar ligado diretamente ao método de ensino adotado, a interação entre os alunos, os conteúdos de aprendizagem e o professor dão origem ao conhecimento, depende da mediação do professor através do ensino, é preciso então obedecer a propósitos para que haja uma perfeita harmonia entre alunos, conteúdo e professor uma vez que o perfil de cada aluno é diferente e pode exigir dinâmicas variadas em sala de aula, o olhar do professor é fundamental para o desenvolvimento e aprendizado do aluno. (PROFA. A-ESCOLA 1)

Não há um método totalmente eficaz, visto que cada turma apresenta uma dinâmica e cada indivíduo aprende de forma única. A criança necessita estar inserida em um ambiente onde se sinta segura e amada, uma criança com a mente saudável, irá aprender através de qualquer

método de ensino, isso é algo que venho observando nos anos de experiência que tenho vivido (PROFA. B ESCOLA 1).

Não tem como dizer que um método é totalmente eficaz, pois o que é bom para um aluno pode não ser para o outro e então devemos mesclar os métodos e encontrar aquele que é melhor para a turma em questão. o aluno saber fazer uso social da língua, saber se comunicar transmitir suas ideias, usar a matemática para dividir brinquedos e materiais em sala e é através desse letramento que busco que os alunos se tornem alfabetizados, lendo e escrevendo. (PROFA. C- ESCOLA 1)

Nem todo o método é totalmente eficaz. O que às vezes serve para um aluno para outro não se encaixa e é preciso em muitos momentos mudar os planos do método utilizado, buscando outras formas para que o educando aprenda com mais facilidade. (PROFA D- ESCOLA 2)

Fonte: Dados coletados via questionário (2021)

Deste modo, as respondentes consideram que não há um único método que seja eficaz na etapa da alfabetização. O desenvolvimento das aprendizagens das crianças é encaminhado pelas técnicas de ensino que são decorrentes dos métodos com suas características próprias, cabe ao professor alfabetizador conhecer sua turma;

A prática, a realização do método, inicia-se pela sua explicação, esclarecendo seu encaminhamento, que se realizem as técnicas (procedimentos, estratégias) e atividades (exercícios, questões) pertinentes ao conteúdo e ao contexto: As conclusões do encaminhamento metodológico do conteúdo podem incluir a síntese e a estruturação do conhecimento podendo-se neste caso, utilizar esquemas com os aspectos mais pontuais, estruturantes do conteúdo” (RANGEL, 2005, p.17).

A ação de alfabetizar e letrar no ensino demanda de ações pedagógicas muitas vezes diferenciadas e de procedimentos específicos. “No entanto, por sua diversidade e especificidade a reunião desses procedimentos dificilmente pode constituir um método [...]” (SOARES, 2016, p. 333). A autora enfatiza de que mesmo que sejam desenvolvidas de modo simultâneo, as práticas docentes são:

É a ação docente que leve em conta as subfaceta e as desenvolva simultaneamente, embora respeitando a especificidade de cada uma [...] que constitui um **alfabetizar com método**. Entendendo-se que a palavra **método** segundo sua etimóloga- meta +hodós = caminho em

direção a um fim considera-se que o fim é a criança alfabetizada [...] (SOARES, 2016, p. 333).

Em vista disso ou sob este olhar “[...] uma alfabetização bem-sucedida não depende de um método ou [...] de métodos [...]” (SOARES, 2020, p. 333).

Mesmo que as várias ciências como a Psicogênese da Escrita, a Psicologia, dentre outras, que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização e letramento “[...] a aprendizagem das crianças, que, ao se alfabetizar e letrar, apropriam-se de muitas e diferentes competências – não um “método”, mas um ensino com **método**, que denominamos como o processo de **Alfalettrar**” (SOARES, 2020, p. 285).

Deste modo, para Frade (2005, p.19);

Se antes o termo método de alfabetização designava o modo ensinar apenas alguns conteúdos específicos e próprios da fase inicial da aprendizagem, seja através de um livro, de princípios ou da prática particular de um professor, hoje o termo abarca o que podemos chamar de uma didática da alfabetização. Consciente da necessidade de se organizar para melhor ensinar, o professor não deve prescindir de uma direção, não deve confundir método com controle da aprendizagem, com ausência de teorias, com escolha rígida de um só caminho e um só material didático. Deve também se interessar em conhecer e divulgar as didáticas de sucesso para que o conhecimento da área progrida (Apud GONÇALES E DE JESUS, p. 39).

No entanto, a autora (Soares, 2020) considera que é preciso perceber de que no processo de alfabetização não há melhores métodos adequados, mas sim usar o [...] os termos da expressão métodos de alfabetização para alfabetizar-se”, ou seja:

Orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas e linguísticas que progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem-sucedida da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética (SOARES, 2016, p. 331).

Se considerados os princípios de práticas de que “Antigamente, segundo Mortatti (2010), o termo “método de alfabetização” designava o modo de ensinar apenas alguns conteúdos específicos e próprios da fase inicial da aprendizagem, [...] Atualmente, o termo abarca o que podemos chamar de uma didática da alfabetização” (Apud GONÇALES E DE JESUS, 2015, p. 15).

Assim, não há um controle nem escolha rígida, um só caminho, uma só didática no ato de alfabetizar. Quando entendemos de que não há um método de alfabetização eficaz e nem específico, e que com isso não se pode dizer que um é melhor que o outro, porém o método adotado é importante e tem influência na prática docente, pois decorre dele as metodologias didáticas, procedimentos, objetivos, recursos ou materiais, os processos avaliativos que serão usados poderá ser pré-requisito ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Conforme cita Frade (2007, p. 36) “Talvez possamos concluir que a escolha por apenas um caminho como verdade metodológica não será igualmente boa para todos que aprendem e que ensinam e nem que serão eficientes para todos os conteúdos que temos hoje na alfabetização”.

5 CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÕES

Considera-se de que o objetivo pautado neste trabalho, em compreender a diversidade de métodos de alfabetização e de ensino nas suas especificidades e modalidades, foi de certa forma alcançado, por meio das reflexões dos autores citados, quando entende-se que a partir desses estudos explorados, os métodos de alfabetização foram sendo concebidos para entender quais destes o professor utiliza para ensinar, e quais os métodos de ensino, quais as metodologias em sala de aula, como eu posso ensinar os conteúdos, meus procedimentos e recursos, bem como a forma avaliativa. Metodologias ou didática de alfabetização estão relacionadas ao como fazer, que implicam nas decisões de qual método ou vários métodos de alfabetização o educador concebe o ensino e a aprendizagem.

Em relação ao objetivo da pesquisa, que era compreender e analisar as concepções de professores alfabetizadores sobre a apropriação de métodos adotados em suas experiências pedagógicas alfabetizadoras e sobre quais métodos de alfabetização e de ensino são eficazes na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos na etapa da alfabetização, revelou-se que atualmente para alfabetizar e letrar não se usa um método específico de alfabetização e nem metodologias, pois aparecem métodos mistos entre os antigos sintéticos e novos analíticos dentro de todas as suas dimensões, tipos e modalidades, sendo que qualquer método bem utilizado atinge seus objetivos.

Como efeito das falas das professoras, seus enunciados ressoam de que a alfabetização não é só uma questão de método. Suas falas evidenciam a importância de conhecê-los, como um saber necessário à docência na alfabetização, mas, mais do que “isso” é preciso pautar o ato educativo por princípios e referenciais que subjazem à prática. Nessa perspectiva, as professoras falaram em: letramentos; considerar os conhecimentos dos alunos, abranger a função social da escrita; considerar as diferenças entre turmas e alunos e as suas especificidades, o que produz e demonstra as aprendizagens diferentes e em tempos distintos.

Todavia, percebeu-se a influência e de certa forma a predominância dos métodos sintéticos quando se inicia das partes para todo. Mas também as modalidades dos analíticos (do todo para as partes) estão presentes, ou seja, uma forma de um ensino baseado numa construção para que os alunos possam aprender a interpretar ou produzir

textos, embora revelando que mesmo com o ensino por meio dos sintéticos os resultados foram positivos para alfabetizar e letrar em ambas as modalidades e especificidades.

Aponta-se ainda de que nas suas estratégias baseadas em metodologias de ensino decorrentes dos métodos usados dependem muito do contexto da turma, e visto que em cada uma apresenta uma dinâmica e cada indivíduo aprende de forma única, pois às vezes o que serve para um aluno para outro não se encaixa e é preciso em muitos momentos mudar os planos do método utilizado, buscando outras formas para que o educando aprenda com mais facilidade. Por outro lado, constata-se de que nas compreensões sobre a metodologia de uma abordagem construtivista ainda é preciso considerar e ampliar a própria noção da metodologia nas suas interfaces, embora compreendam que seja a construção do conhecimento.

De modo geral, compreende-se desse modo, que para alfabetizar e letrar as crianças, os métodos de alfabetização em seus pressupostos são os princípios norteadores que organizam o trabalho pedagógico, a partir destes, as ações pedagógicas determinam um caminho de como fazer, as metodologias de ensino, a didática, as técnicas de ensino, a escolha, as decisões de procedimentos em função do conteúdo que se quer ensinar.

Pode-se perceber e entender que podemos fazer uso tanto dos métodos sintéticos e/ou analíticos ou até mesmo mesclados entre eles, e/ou designar um método específico no trabalho pedagógico, todavia, sempre partindo de textos reais para que seja uma aprendizagem que tenha significado. Para este olhar, devemos levar em consideração os níveis de hipóteses das escritas das crianças, nas suas especificidades em que elas se encontram nesta fase de escolarização.

Deste modo, concluímos este trabalho ao destacar de que o estudo não se limita a todos os conhecimentos elaborados sobre a temática em questão, que são aproximações de um estudo de caso, mas a partir desses, poderão se ampliar novas investigações para maiores aprofundamentos. Também na lógica pedagógica poderá ocorrer no âmbito escolar ainda disputas, resistências, vantagens e desvantagens entre um método e outro.

Sabemos que muitas questões ainda podem ser inquietações que vão surgindo no decorrer da prática docente, mas a responsabilidade de um trabalho nesta etapa da alfabetização é muito importante, pois é preciso construir a partir dos nossos saberes docentes e na didática do cotidiano até mesmo desconstruir e reconstruir novos saberes que possam contribuir para construção dos saberes dos alunos.

Discutir e refletir sobre todas estas especificidades nos auxiliaram a compreender a importância deste período para a criança, e de que alfabetizar e letrar é um grande desafio de muitas incertezas, e de que somente na prática pedagógica em sala de aula podemos ampliar saberes da docência.

Espera-se que este trabalho possa auxiliar a outros profissionais alfabetizadores, de que é nas práticas que vamos compreender se há ou não métodos eficazes para que os alunos se tornem de fato alfabetizados e letrados, ou seja, há práticas eficazes.

REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Reginaldo José. **A alfabetização sob o ponto de vista histórico e metodológico.** Colloquium Humanarum, vol. 13, n. Especial, Jul–Dez, 2016, p. 14-21. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2016.v13.nesp.000805
<http://www.unoeste.br/site/enepe/2016/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o>
- CHAER, Galdino. DINIZ, Rafael Rosa Pereira. RIBEIRO, Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional.**
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 21ª edição, Petrópolis RJ, Vozes, 1994.
- FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução- Diana Myriam Lichtenstein, Lina Di Marco, Mário Corso- Porto Alegre: Artmed, 1999. (Reimpressão 2007).
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores:** caderno do professor / - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdo da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais** Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 32, núm. 1, 2007, pp. 21-39 Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, RS, Brasil.
- Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008
- GALVÃO, Andréa. LEAL Telma Ferraz. **Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as).** (IN) Alfabetização: apropriação do sistema da escrita- Organizado por: Artur Gomes Morais/Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- GÓES, Fernanda Karla Fernandes da Silva. PIRES, Thereza Sophia Jácome. **Formação psicopedagógica: a importância dos métodos de alfabetização.** Revista Campo do saber. Vol. 1- nº 2- Jul-Dez/2015.
<https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/20/20>
- GONÇALES, Eliane Cristina. DE JESUS, Joelma. **Alfabetização: métodos, metodologias e didáticas.** Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. Linha de Pesquisa: Alfabetização Escolar. São Sebastião do Paraíso – MG, 2015.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 10. reimp. São Paulo: EPU, 2007.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível- Reinventando o ensinar e o aprender**. 7º ed. Porto Alegre, Mediação, 1996

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**, Brasília. P, 1-16, 27 abr. 2006.

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MELO, Eliane Pimentel Camillo Barra Nova de. MARQUES, Silvio César Moral. **História da alfabetização no Brasil: novos termos e velhas práticas**- Poesis –Unisul, Tubarão, v.11, n. 20, p. 324-343, Jun/Dez 2017.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. A “**querela dos métodos**” de alfabetização no Brasil: **contribuições para metodizar o debate**. Revista eletrônica Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa- a serviço dos estudos africanos e afro-brasileiros no Brasil, vol. 3- nº 5- 2009

<https://www.revistas.usp.br/reaa/article/view/11505>

MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados**. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 44 maio/ago. 2010.

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gg3SdLpVLM8bJ7bJ84cD8zh/?format=pdf&lang=pt>

RANGEL, Mary. **Métodos de Ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. Papirus, 6º ed. Campinas, SP, 2006. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

SEBRA, Alessandra Gotuzo. DIAS, Natália Martins. **Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia - Ano 2011 - Volume 28 - Edição 87

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Minas Gerais, p. 1-13. 8 out.2003.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Parte de palestra proferida na FAE UFMG, em 26/05/2003, na programação “Sexta na Pós”. Transcrição e edição de José Miguel Teixeira de Carvalho e Graça Paulino.

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reivencia_alfabetizacao.pdf

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: Anais da 26ª . Reunião Anual da ANPEd, em outubro de 2003. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7 ed. SP, Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão do método**. São Paulo, Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: Toda a criança aprende a ler e escrever**. Contexto, SP, 2020.

VEIGA, Ilma Passos A. (Org) **in Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações**, Campinas, SP, Papirus, 2006, Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico, 2ª edição, 2009.

YIN, Robert. K. Estudo de caso: **Planejamento e métodos**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.